

# ILUSTRAÇÃO



## **A' MULHER EXIGENTE...**

# **ARTE DE A CONTENTAR!**

O pó de arroz BENAMOR é, indiscutivelmente, o produto do seu genero que maior consumo tem actualmente em Portugal. A prodigiosa preferencia que lhe dá o publico feminino fala bem alto sobre a sua qualidade e é a prova evidente que a mulher moderna, a mulher que se sabe perfumar e sabe ser elegante, conhece já os bons produtos de beleza e sabe inteligentemente escolhê-los.

Pois, para corresponder a tão ostensiva frequencia lançou-se agora no mercado o

## **NOVO PÓ DE ARROZ BENAMOR**

em elegantes caixas dum refinado modernismo (em tom lilaz) que se vendem aos mesmos preços de sempre:

**QUADRADAS A 2\$50; REDONDAS A 6\$00!**

Este pó de arroz, de qualidade rigorosamente igual ao da caixa do «Gato», vai perfumado com a deliciosa essencia

### **“LA VERBENA” DE NALLY**

que só por si lhe dá uma adoravel distincção. Perfume novo numa embalagem linda!

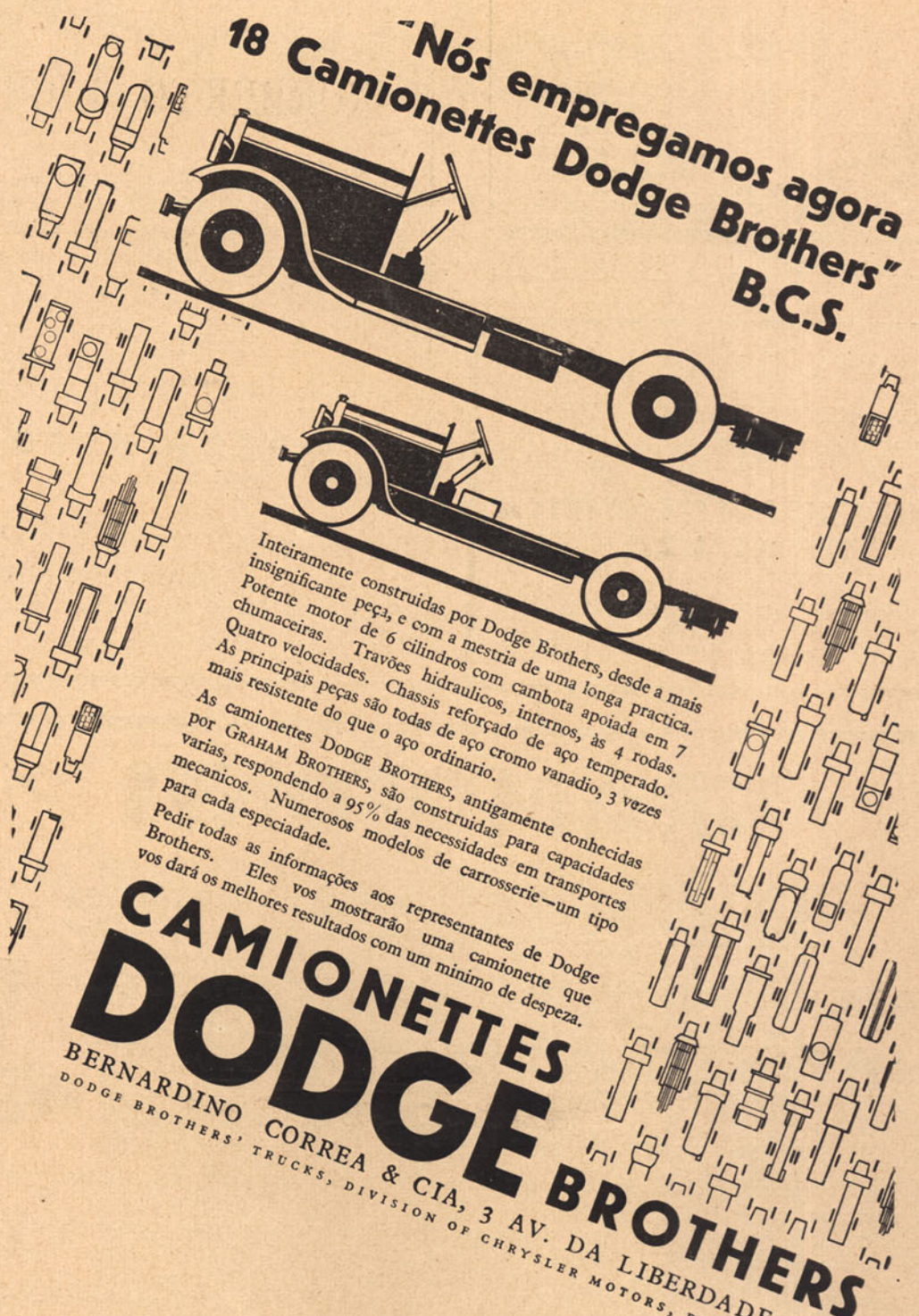
Peça portanto, minha senhora, d'ora ávante, em todos os bons estabelecimentos o

### **PÓ DE ARROZ BENAMOR — CAIXA LILAZ**

sendo bom notar que as antigas caixas com o gato, continuam a vender-se, como sempre, aos mesmos preços. A qualidade do produto é igual e igual o seu custo. Apenas difere na elegancia da caixa e no seu novo perfume, duma verdadeira seducção.

PEDIDOS Á SECCÃO DE PERFUMARIA DA “EVA”  
Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA

**"Nós empregamos agora  
18 Camionettes Dodge Brothers"  
B.C.S.**



Inteiramente construídas por Dodge Brothers, desde a mais insignificante peça, e com a mestria de uma longa prática. Potente motor de 6 cilindros com cambota apoiada em 7 chumaceiras. Travões hidráulicos, internos, às 4 rodas. Quatro velocidades. Chassis reforçado de aço temperado. As principais peças são todas de aço cromo vanádio, 3 vezes mais resistente do que o aço ordinário.

As camionettes DODGE BROTHERS, antigamente conhecidas por GRAHAM BROTHERS, são construídas para capacidades variadas, respondendo a 95% das necessidades em transportes mecanicos. Numerosos modelos de carroserie—um tipo para cada especialidade.

Pedir todas as informações aos representantes de Dodge Brothers. Eles vos mostrarão uma camionette que vos dará os melhores resultados com um mínimo de despesa.

**CAMIONETTES  
DODGE BROTHERS**  
 BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA  
 DODGE BROTHERS' TRUCKS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

Os Dentifricios  
de  
**GELLÉ FRÈRES**  
PARIS



Conservam-lhe :  
Uma maravilhosa  
dentadura.  
A beleza de sorriso.  
A brancura dos dentes.  
O alito perfumado.

Eles lhe darão tudo isto.  
Não queira outros.

*A venda em todas as boas Casas*

AGENTES GEMAIS STETTEN & C.ª Lda 119 RUA DA MADALENA LISBOA

**RAINHA DA HUNGRIA**  
OS MELHORES PRODUCTOS  
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA  
DE BELEZA**

*Directora: MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

Nenhuma criança portuguesa deve  
deixar de lêr A VIAGEM MARA-  
VILHOSA por

## NORBERTO LOPES

«O que eu quero dizer na minha é que A VIA-  
GEM MARAVILHOSA é uma grande obra  
que a gente grande deve dar a lêr á gente  
meuda, certa de que lhe porporciona boa lite-  
ratura e portuguesa».

JOAQUIM LEITÃO  
(Do *Diario de Lisboa*).

**PREÇO 5\$00**

Á VENDA NA LIVRARIA  
DO "DIARIO DE NOTICIAS"  
Largo Trindade Coelho, 10 e 11  
(antigo Largo de S. Roque).

# GRAMOFONES "His Master's Voice"

**ACABA DE CHEGAR UMA NOVA REMESSA DE  
APARELHOS PORTATEIS  
NAS MAIS LINDAS CÔRES**



Estes aparelhos, muito cómodos e práticos, recomendam-se para viagens, passeios, pequenas salas, gabinetes, etc.

Apesar de serem de mais pequeno formato que fabrica esta afamada marca, são tão perfeitos na sua mecânica e sonoridade, como os grandes modelos.



QUEIRA V. EX.<sup>a</sup> OUVIL-OS NOS SEUS  
AGENTES EXCLUSIVOS - **GRANDE BAZÁR DO PORTO**

LISBOA — R. Augusta, 150-152  
PORTO — R. St.<sup>a</sup> Catarina, 192-198

# Chrysler !!!

SEMPRE NA VANGUARDA DO PROGRESSO,  
SERVINDO DE MODELO AO MUNDO AUTOMÓBILISTA



PEDIR CATALOGOS E INFORMAÇÕES DETALHADAS AO AGENTE GERAL:

**A. BEAUVALET**

*Rua 1.º de Dezembro, 137 — LISBOA*

*A CASA DE AUTOMOVEIS MAIS ANTIGA DO PAIS*

## OS BÉBÉS "NESTLÉ"



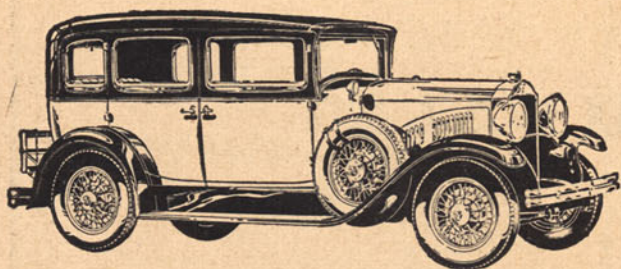
TRÊS IRMÃOSINHOS GEMEOS ALIMENTADOS  
COM LEITE CONDENSADO E FARINHA **NESTLÉ**

# O NOVO REO «FLYING CLOUD»

## BATE O «RÉCORD» DA QUALIDADE



NA CATEGORIA DOS AUTOMÓVEIS DE PREÇO MÉDIO, SUPERA OS DE PREÇOS ELEVADOS EM VELOCIDADE, CONFÓRTO E RESISTÊNCIA



**Carrosseries de elegância e conforto**  
**Motor de 6 cilindros**  
**Amortecedores hidráulicos à frente e atrás**  
**Apoio das molas em borracha virgem**  
**Travões hidráulicos às 4 rodas**

Facultam demonstrações e agradecem uma visita os

REPRESENTANTES:

**CONTRERAS & GARRIDO, L.<sup>da</sup>**

AVENIDA DA LIBERDADE, 165 a 171

TEL. N. 789 (P. B. X.) — LISBOA



### *Agradavel e Salutar.*

Cuide da vossa saúde para a conservardes por muito tempo, tomando todos os dias um pouco de saes de fructa ENO, num copo d'agua morna ou fria, conforme se preferir.

O ENO é um producto efervescente contendo muitas das propriedades benéficas da fructa fresca. Laxativo ideal muito suave e inofensivo, o ENO facilita a digestão, estimula o fígado e regula o intestino. O ENO vivifica igualmente o organismo e assegura a pureza do sangue. Ha mais de 50 anos que o ENO é considerado como o guarda vigilante da saúde.

*Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.*

Depositarios em Portugal:  
**ROBINSON, BARDSLEY & C<sup>o</sup>. LTD.**  
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.

**SAL de FRUCTA**

# ENO

**"FRUIT SALT"**

"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos."

## D. MARIA DE CARVALHO

# AS QUATRO ESTAÇÕES

(CONTOS PARA CRIANÇAS)

A «Biblioteca dos Pequeninós» tem no seu vigésimo terceiro volume um trabalho precioso de literatura infantil.

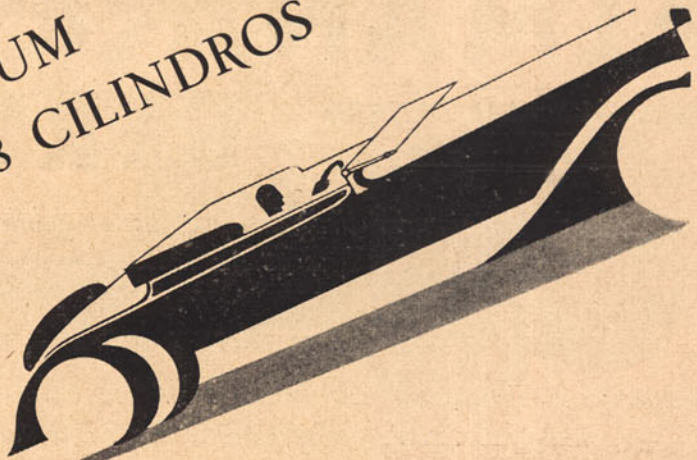
Este 23.<sup>o</sup> volume constituirá, certamente, o melhor presente que um pequenino pode receber.

PREÇO 5\$00

A venda na Livraria do *Diario de Noticias*:

*Largo de Trindade Coelho, 10 e 11*

# EXPERIMENTE UM DIRECTOR DE 8 CILINDROS



A velocidade vertiginosa do Studebaker Director de 8 cilindros em linha, permite-lhe ultrapassar todos os carros! O Studebaker ocupa sempre o primeiro lugar! Tudo contribue para colocar o Studebaker 8 cilindros em linha numa situação de destaque: a sua beleza, a força abundantíssima que desenvolve, o funcionamento suave do motor, a comodidade inexcelável, todas as características, emfim, dos carros de grande luxo, mas por um preço inferior ao de muitos 6 cilindros. Permita que um vendedor Studebaker lhe faça uma demonstração do que afirmamos.

*A Studebaker vende maior numero de carros de 8 cilindros que nenhum outro fabricante. Tão grande sucesso é a justa e consequente recompensa de tanto mérito!*

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

**Unicos representantes para Portugal:**

**C. SANTOS, LDA.**

LISBOA: Rua do Crucifixo 55 a 59

PORTO: Praça da Liberdade - Edifício da Nacional.



GOETT.

J-12 BPS 29

# STUDEBAKER

# ALMANACK

31.º ANO -- 1930

UNICO NO SEU GENERO  
EM PORTUGAL

# BERTRAND

*A mais antiga e maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa*

RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO

*Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros*

*Passatempo e Enciclopedia de conhecimentos úteis, colaboração astronomica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos*

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado . **10\$00**

Encadernado luxuosamente . . . . . **18\$00**

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ENSINO TECNICO ELEMENTAR

# LEITURAS CORRENTES

POR

CANDIDO DE CARVALHO

Este livro de 382 paginas, adoptado em quasi todas as nossas escolas de ensino comercial elementar, vai agora na sua 2.<sup>a</sup> edição, muito melhorada. O autor reviu cuidadosamente a ortografia, as definições tecnicas e as noções de literatura e estilística.

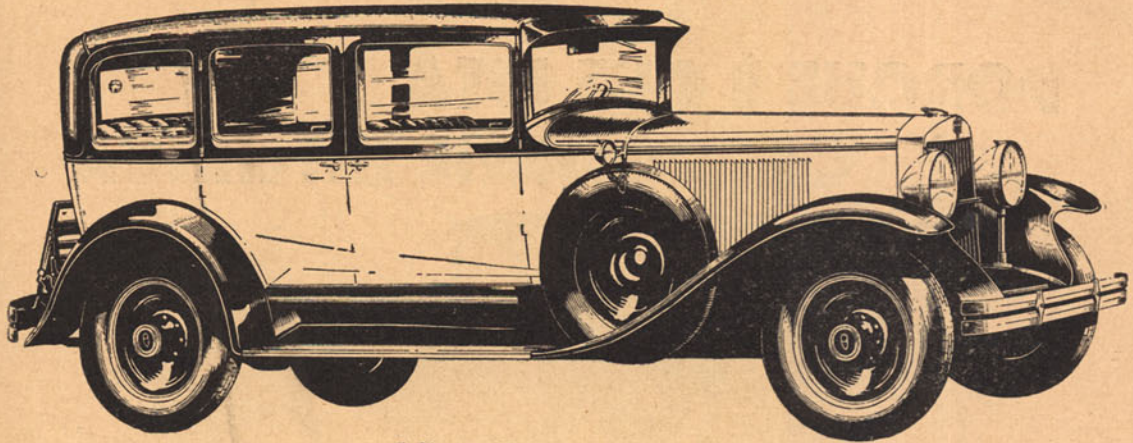
As «Leituras Correntes» são o melhor livro

no seu genero: além dos trechos esplendidamente escolhidos e graduados, contém um precioso léxico com mais de 800 vocabulos, uma utilissima colecção de cartas familiares e comerciais, uma breve noticia sobre a literatura portuguesa, dados biograficos e bibliograficos e noções de versificação.

PREÇO: 12\$00

*À venda na Livraria do DIARIO DE NOTICIAS,  
Largo de Trindade Coelho  
(antigo Largo de S. Roque), n.ºs 10 e 11.*





Sedán, modelo 615, com cinco lugares

## UMA NOVA EXPERIENCIA QUATRO VELOCIDADES PARA DIANTE AS DUAS ALTAS SILENCIOSAS



Os automóveis Graham-Paige oferecem grande variedade de *carrosseries*, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Sport Phaetons sobre cinco *chassis* distintos, de seis e oito cilindros, a preços ao alcance de todos. Levam transmissão de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

O entusiasmo dos automobilistas que experimentaram a transmissão de duas altas velocidades silenciosas, contribuiu extraordinariamente á progressiva procura que dia a dia obtêm os automóveis Graham-Paige de seis e oito cilindros, que chegaram a conseguir em 1928 um récord único pelo volume de vendas realizadas no primeiro ano da sua apresentação e fizeram com que os três primeiros meses de 1928 fossem os mais proveitosos para a Fabrica Graham-Paige desde a sua fundação.

*Joseph B. Graham  
Robert C. Graham  
Ray A. Graham*

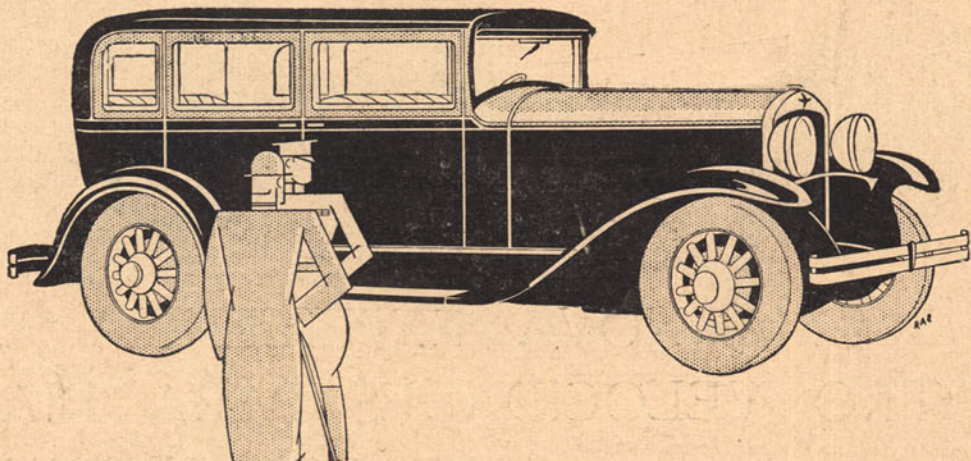
Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA—*Salão de Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel.—(P. B. X.) N-2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.<sup>TA</sup> L.<sup>DA</sup>—129, Rua de Santa Catarina, 133

# GRAHAM-PAIGE

## PORQUE É QUE ESTA CARROSSERIE INTEIRICA



## É TÃO SILENCIOSA, TÃO SOLIDA E TÃO ESPACOSA ?

Seja dos primeiros automobilistas a ver e a apreciar a construção especial da carrosserie do novo carro Dodge Brothers Seis. Note a sua construção, um bloco unico, sem juntas. Tão solida e tão resistente que nem com milhares de quilometros andados em caminhos maus, se torna barulhenta ou deselegante.

Note a sua ligação directa com o chassis, dando uma maior altura interior e uma excepcional estabilidade a todo o carro.

Visite o nosso Salão de Vendas hoje mesmo e examine este novo processo de construção de carrosserie.

Apreciará um carro que é mais silencioso, mais espaçoso e de mais longa duração do que qualquer outro que tenha tido : o novo *Dodge Brothers Seis* !

### VENHA E

### EXPERIMENTE O NOVO

# DODGE BROTHERS

BERNARDINO CORREA & CIA, 3 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

# SEIS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 92

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :  
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :

EMPRESA NACIONAL  
DE PUBLICIDADE

E  
AILLAUD LTD.ª

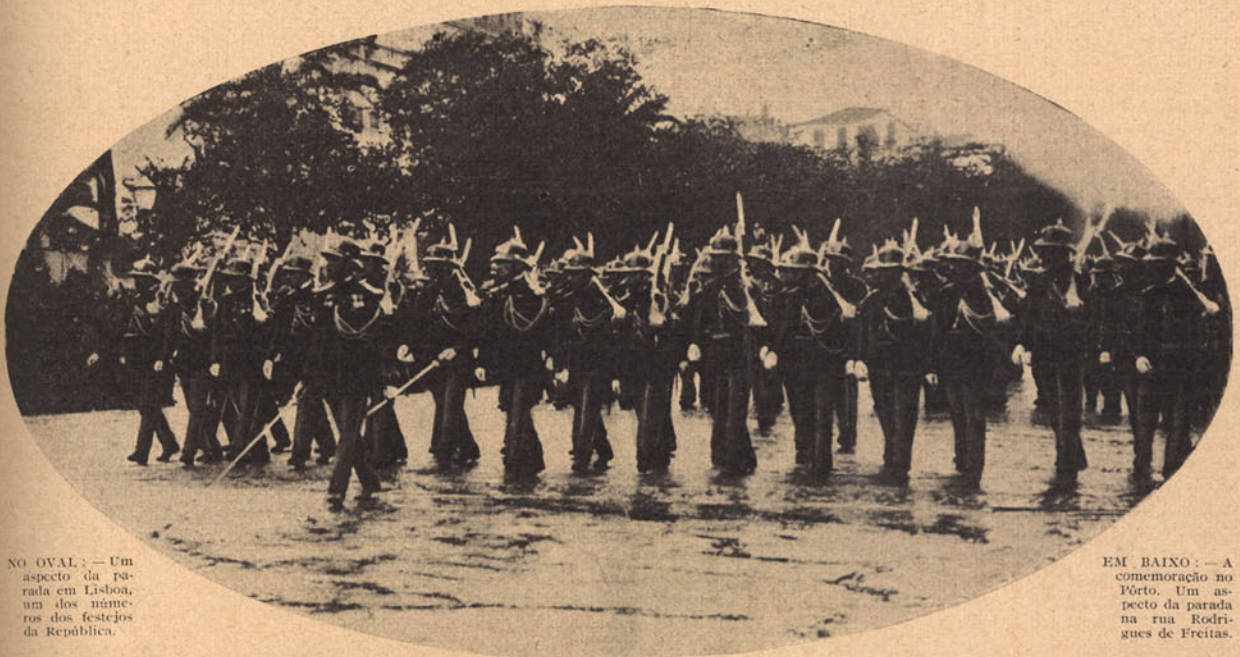
ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

16 DE OUTUBRO DE 1929

## AS COMEMORAÇÕES DE CINCO DE OUTUBRO



NO OVAL : — Um aspecto da parada em Lisboa, um dos números dos festejos da República.

EM BAIÑO : — A comemoração no Porto. Um aspecto da parada na rua Rodrigues de Freitas.





# CRONICA DA QUINZENA

O sucesso a registar nesta crónica da quinzena passou-se fora de Portugal, na capital andaluza, em Sevilha.

Festejou-se ali, de três a nove, a *semana portuguesa*, e dessas festas deu a nossa imprensa notícia suficientemente detalhada para tornar desnecessário que lhe façamos, neste lugar, uma larga referência.

Não podíamos conservar-nos alheios à Exposição Ibero-Americana realizada ao mesmo tempo em Sevilha e Barcelona, e tivemos a boa sorte de encontrar um homem de elevados merecimentos que aceitou o encargo de superiormente dirigir os trabalhos da nossa representação naquele certame.

Lamentável seria que hoje em Espanha, como ontem no Brasil, tivéssemos uma representação que não correspondesse à categoria que nos compete, por vários títulos, sobretudo como Nação colonial. Não sucedeu assim, felizmente, e o facto é de molde a encher de satisfação todos os que sofrem com os desastres do País, desastres de ordem material ou moral, e se orgulham com os seus triunfos, sejam de que natureza fôrem.

A-pesar de sermos uma Nação oito vezes secular; a-pesar de termos intercalado na história geral da Humanidade páginas gloriosas da nossa história pátria; a-pesar de termos gozado duma vida independente, no longo transcurso da nossa vida nacional, interrompida essa independência pelo breve período de sessenta anos, medindo-nos frequentemente com inimigos poderosos nos campos de batalha, umas vezes em defesa da nossa causa, outras vezes honrando galhardamente compromissos de aliado; a-pesar termos uma abundante representação diplomática e consular, como nunca teve a Monarquia; a-pesar de sermos a terceira potência colonial do mundo, espalhadas as nossas colónias por todos os continentes, a-pesar de tudo isto ainda nos confundem com a Espanha, ainda somos, para muita gente culta, no estrangeiro, não portugueses ou lusíadas, como se diz em preciosismo literário, mas espanhóis.

Vamos a todos os Congressos internacionais; tomamos parte em tôdas as Conferências em que se debatem problemas que interessam às Nações, largas ou apertadas que sejam as suas fronteiras, e as nossas, mercê de Deus, estão longe de ser, na Europa, as mais apertadas.

Os nossos aviadores, Gago Coutinho e Sacadura Cabral, abriram a era dos grandes cometimentos no ar, inscrevendo nos anais da aeronáutica uma data para sempre gloriosa, porque assinala um facto imorredoiro.

Fomos um dos combatentes da grande guerra; assinamos em Versailles o Tratado de Paz, e se outros contribuíram mais largamente do que nós, para a derrota dos ale-

mães, ninguém o fez com mais espontaneidade, menos preocupado com os perigos, mais alheio a cálculos interesseiros.

Os navios estrangeiros não podem fazer uma viagem de longo curso sem avistarem ou sem tocarem em terra portuguesa, terra que nós descobrimos e conquistamos, pelo menos terra que nós vimos antes de mais ninguém. Se algumas dessas paragens deixaram de nos pertencer, ou foi porque se tornaram independentes, o que é o natural destino de todos os grandes domínios conquistados, como o Brasil, ou porque outros, mais fortes do que nós, lhes deitaram a mão, fazendo prevalecer à força do direito, o direito da força.

Pois bem.

A-pesar de tudo quanto fica dito, ainda nos consideram espanhóis; ainda Portugal, para muita gente culta, lá fora, é uma Província da Espanha, um daqueles vários reinos ibéricos que no reinado de Isabel a Católica foram amalgamados, formando-se a Nação artificial que a Espanha, ainda é, já hoje muito apagadas as características regionais que eram, por assim dizer, fronteiras políticas antes da conquista de Granada.

Imagine-se que nos abstinhamos, por quaisquer razões, de concorrer à exposição de Sevilha, ou então, o que seria talvez peor, que nesse certame tomávamos parte, encolhidos como *as parentes pobres*, de Balzac, nada apresentando, nada dizendo, nada fazendo que afirmasse a soberana individualidade dum Estado que tem direito, pelo seu passado e pelo seu futuro, pelo que foi e pelo que é, por títulos históricos e por merecimentos intrínsecos, a exigir que o não ignorem nem o esqueçam, que a sua presença seja notada e a sua voz seja ouvida sempre e em toda a parte onde haja assuntos a tratar que interessem à vida das Nações.

A nossa situação geográfica contribui, sem dúvida, para o equívoco político, que fere o nosso orgulho, porque nega a nossa soberania, conquistada e mantida pela força das armas. Uma Península, ainda que seja grande, dá a impressão duma unidade territorial, correspondendo-lhe uma unidade política. Na carta da Península Ibérica o nosso País ocupa um lugar tão diminuto, tão pequeno, que mal se compreende que não fôsse definitivamente absorvido quando se constituiu a Espanha, ou que antes se não engrandecesse à custa dos vizinhos, a Galiza, por exemplo,

nalguma das muitas ocasiões em que o poderia tentar com êxito.

Bom foi, e indispensável era que concorressemos à Exposição de Sevilha, e por seguro temos que o pregão que ali fizemos, a afirmação que ali produzimos da nossa *personalidade nacional*, livre e independente, será ouvido em todos os pontos do mundo civilizado, só por malevolência ou por inverosímil parvoíce havendo ainda alguém que ignore haver no extremo ocidental da Europa dois povos tão vizinhos e tão distintos como a Bélgica e a Holanda, de soberania perfeita, vizinhos que mandam cada qual em sua casa, tendo o elementar cuidado de não se incomodarem um ao outro.

Talvez o programa da semana portuguesa pudesse ser um bocadinho menos literário, um tudo nada menos lírico, dando-se ao estrangeiro que não conhece Portugal, e resolveu assistir às festas dessa semana, uma informação larga, tanto quanto possível completa, acerca das nossas possibilidades produtoras, considerando que a Metrópole e as colónias formam uma unidade económica. Assim vistas as coisas, e assim é que é necessário vê-las, Portugal nem é um País pequeno nem é um País pobre, sendo lamentavelmente certo que a nossa riqueza produzida fica muito abaixo das nossas possibilidades de produção.

Perante os objectos expostos, um colonial a valer, e alguns temos nessas condições, diria o que vale cada uma das nossas colónias, terras de produção mais do que centros de consumo, e em todo o caso atestados da nossa capacidade colonizadora, facilmente demonstrando que sobre elas não temos apenas direitos históricos, que é necessário respeitar, mas também direitos de posse efectiva, que resultam da sua valorização.

É possível que não tiremos da nossa ida à Exposição de Sevilha proveitos materiais compensadores, suficientemente compensadores do que o Estado gastará, uns poucos de milhares de contos; mas o proveito moral que daí resultará para o País, traduzido numa espécie de reconhecimento da Nacionalidade pelas Potências, como se fôssemos um Estado nascente, de soberania perfeita, êsse proveito sem dúvida que vale bem o que nos custar em moeda corrente, mesmo tendo em consideração que o nosso pobre escudo, que já valeu, *in illo tempore*, umas poucas de pegas, não vale hoje, por mal dos nossos pecados e para castigo dos nossos erros, mais do que algumas perras *chicas*.

ESTE NÚMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA



# PORTUGAL

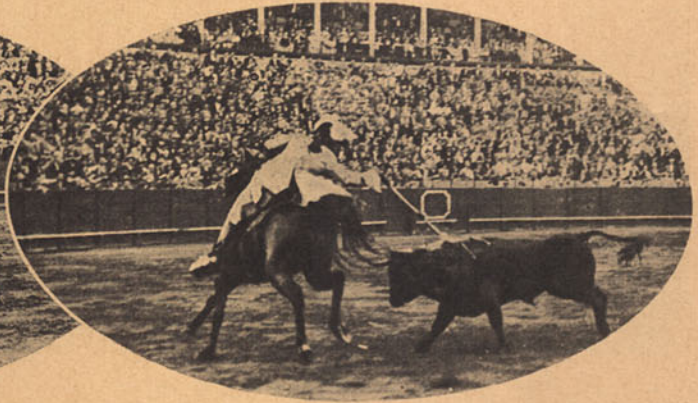
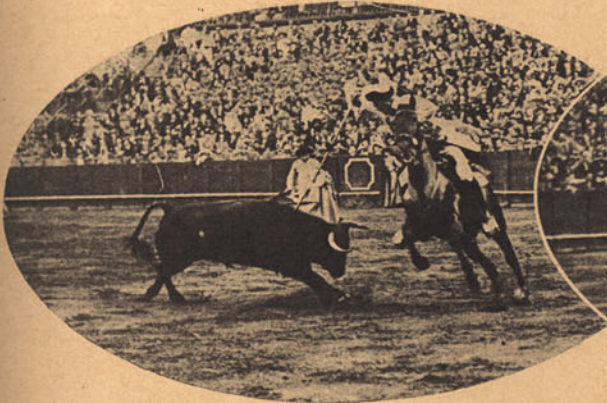
# EM SEVILHA

ALGUNS ASPECTOS DA «SEMANA PORTUGUESA» REALIZADA, DE 2 A 9 DO CORRENTE, EM SEVILHA. — O grupo de forcados amadores que tomou parte na Corrida de Gala. — Os srs. Ministro do Comércio e Ex.º, Embaixador de Portugal, com o comissário do Pavilhão Português visitando a exposição. — Uma péga



rija em plena «Maestranza». — António Luís Lopes pondo um rojão. — O mesmo cavaleiro metendo um «curto». — Os quatro cavaleiros descendo do coche D. João V para cumprimentar a presidência. — As cortesias à antiga portuguesa

(Fotos Orrios, exclusivas de «Ilustrações».)





# A SEMANA EM SE

# PORTUGUESA VILHA

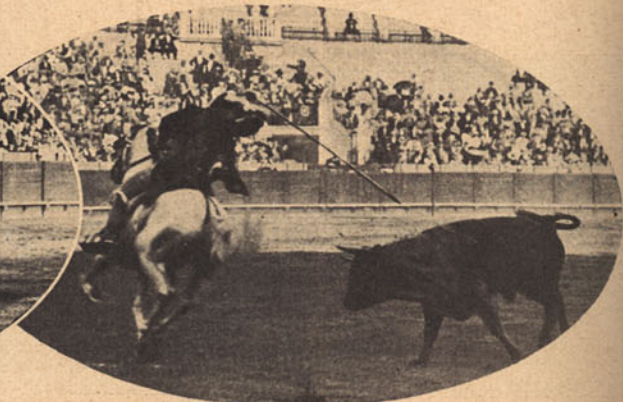
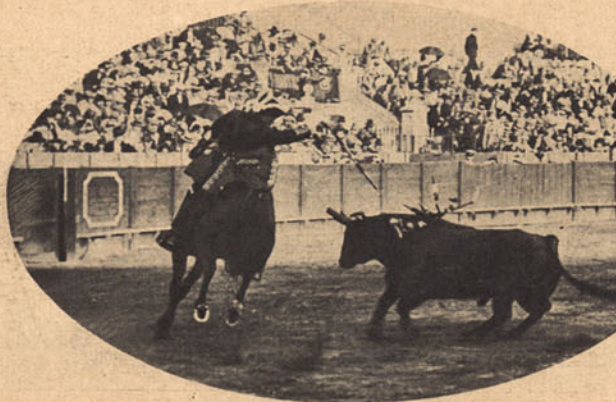
A SEMANA PORTUGUESA EM SEVILHA. — O grande cavaleiro João Núncio, o triunfador da Corrida de Gala, bandarilhando a duas mãos. — Núncio partindo um rojão. — O Marquez de Estella saindo do pavilhão de Macau. — O general Primo de Rivera com o infante D. Carlos de Bourbon e coronel Silveira e Castro, inaugurando a Semana Portuguesa. — O presidente do Conselho Espanhol com o infante D. Carlos, Cruz Conde, comis-



sário geral da Exposição e coronel Silveira e Castro, na Avenida de Portugal. — José Casimiro metendo um ferro curto e um rojão

(Fotos Orrios exclusivas da «Ilustração».)

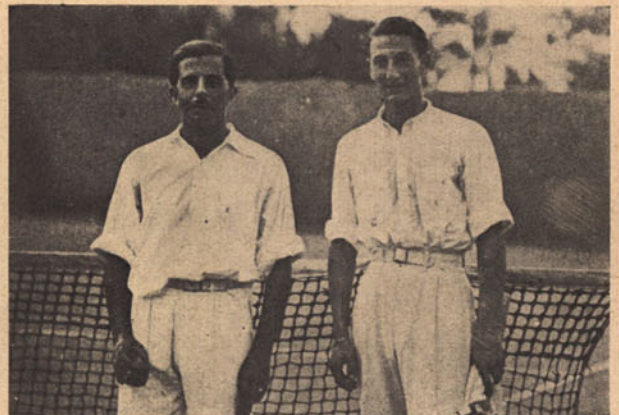
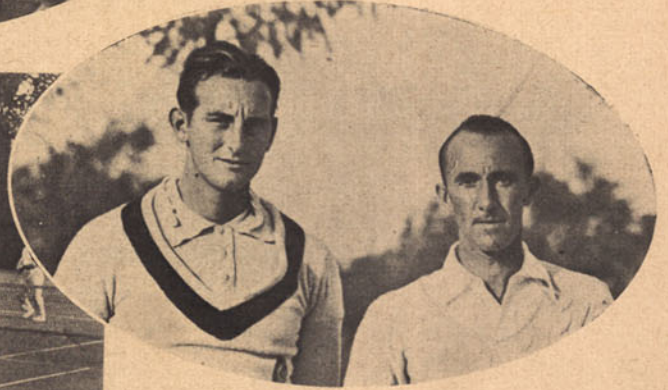
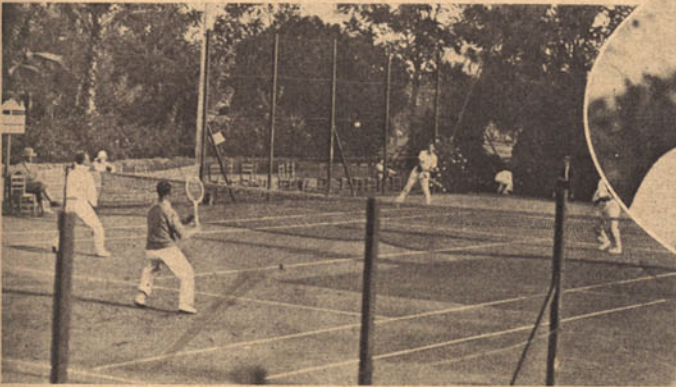
N. da R. — A nossa revista não conseguiu, como era seu desejo, fotografar as cerimónias e exposições dentro do pavilhão português por ter sido dado o exclusivo destas fotografias a um único fotógrafo, com um critério que nos abstermos de comentar.



## EM SEVILHA

A margem da Semana Portuguesa realizaram-se festas de carácter popular e desportivo que resenhámos. Da esquerda para a direita e de cima para baixo: — Grupo de moças de Ovar que dansaram e cantaram no arraial popular. — Um aspecto do campeonato de «tennis» Portugal-Espanha jogado no campo do Club Tablada; o jogo de «doubles» ganhou pela Espanha. — Verda, campeão de Portugal com o campeão espanhol Maier, a quem derrotou. — O campeão de Portugal, com o espanhol Tejada com quem perdeu o «match». — O campeão de Espanha jogando. — Maier, vencedor, com Pinto Coelho, vencido. — Suqué e Casanova depois da partida em que o espanhol obteve a vitória.

(Reportagem Orries exclusiva de «Ilustração».)





EM CIMA: — Dois aspectos da procissão da Senhora da Piedade, realizada na Praia do Furadouro, Ovar. *A esquerda*, a bênção das rédeas; e *a direita*, a bênção do mar, duas cerimónias religiosas tradicionais e do mais alto pitoresco e interesse.

(Fotos cedidas gentilmente pelo sr. B. Paulino — Ovar.)



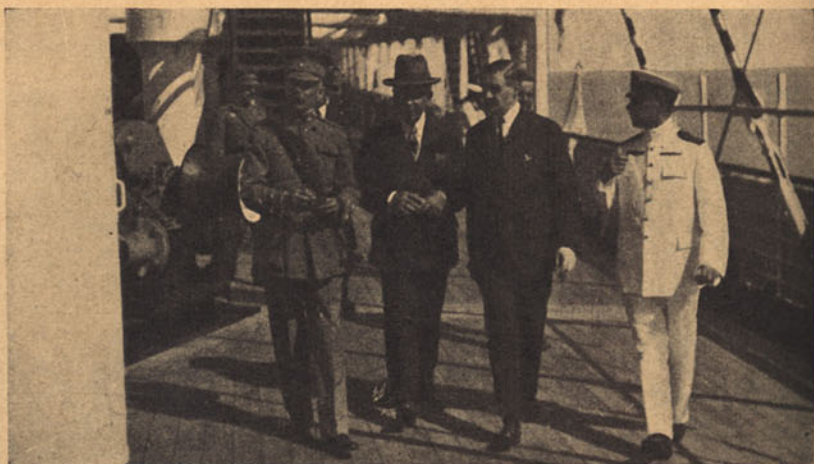
A ESQUERDA: — O grupo representativo da cidade de Lisboa que venceu brilhantemente o grupo representativo de Sevilha no desafio últimamente realizado, marcando três admiráveis pontos contra dois dos sevilhanos que tinham como guarda-redes o célebre Eizaguirre.

(Foto R. Reis.)



O LISBOA-SEVILHA. — *A esquerda*, Pepe marca, de cabeça, o 2.º goal de Lisboa (a seta indica a trajectória da bola). — *A direita*, Carlos Silva, porteiro português, numa boa defesa.

(Fotos Raul Reis.)



A VISITA DO SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA AO NOVO PAQUETE «CUANZA»

NO OVAL: — Os directores da Companhia Nacional de Navegação cumprimentando o Chefe de Estado ao portolá. — *A direita*, aspecto da visita do sr. Presidente Carmona ao magnífico navio, acompanhado pelos presidente do Ministério e ministro da Marinha.

(Fotos «Ilustrações».)



# ECOS DA QUINZENA



Casamento da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Laura S. Santos e do sr. Epifânio Rodrigues, há dias realizado na paroquial igreja de São Sebastião da Pedreira. Os noivos, após o enlace, saíndo do templo



O DIA DO ANIMAL. — Promovido pela Liga de Defesa dos Animais, realizou-se em Lisboa a enternecedora cerimónia de lançar comida aos bandos de pombos da capital



FEIRA FRANCA DE VISEU. — Um aspecto da entrada para o recinto da Exposição, que marcou exuberantemente como um acontecimento de alto significado patriótico e regional

(Foto Alvaro Martins)



NO OVAL: — O pavilhão das indústrias regionais na Feira Franca de Viseu. Ao primeiro prêmio na Feira Franca de Viseu



A ESQUERDA: — Concurso de trajes regionais na Feira Franca de Viseu. As concorrentes com os seus pitorescos atavios e as premiadas (1 e 2, ambas de Aveiro)

(Fotos Alvaro Martins)

# PELO NORTE DE PORTUGAL



Nesta página arquivamos alguns acontecimentos empolgantes no norte decorridos. De cima para baixo e da esquerda para a direita: — Ana Henriques Fontes, a desventurada mãe que, no incêndio formidável da fábrica de S. Martinho de Argoncilhe, perdeu dois dos seus filhos, horrivelmente carbonizados quando dormiam. — O que resta da fábrica «A Graciosa» de Argoncilhe, depois do incêndio. Na foto vê-se o terceiro filho de Ana Fontes que se salvou. — Os guardas da fábrica, Francisco Pinto da Silva e Antónia Ribeiro das Neves, que foram salvos das cha-



mas. Na estrada de Braga a Fimalicção voltou-se uma camioneta carregada de sardinha, causando ferimentos em 11 passageiros, dois dos quais ficaram em estado grave; o veículo depois do desastre. Vê-se, o peixe espalhado pelo chão e a gente dos arredores que acorreu a partilhar daquela verdadeira pesca milagrosa. — A tripulação do Sport Club do Pôrto que venceu as regatas por ocasião das festas de Vila do Conde numa renhida disputa que foi um dos atractivos interessantes das festas magnificas da linda vila e praia tão formosa e famosa.

(Fotos Alvaro Martins.)

MUSEU DO  
PRADO  
MADRID



VICENTE LOPEZ Y PORTAÑA  
Retrato de El-rei Fernando VII

# NO PORTO E NA POVOA

*Da direita para a esquerda e de cima para baixo: — As rainhas dos mercados do Pôrto. A rainha do mercado do Bolhão fazendo um passeio realengo pela cidade e cercada pelo*



povo vassalo. — Na Póvoa: Membros do júri da Gimkana Infantil e promotores do Dia da Imprensa, formoso festival realizado na formosa práia nortenha. À esquerda o dr. José Pontes alma das festas da Póvoa e muito ilustre jornalista. — No mercado do Peixe, no Pôrto, elegeram também a sua rainha



inha e vaidosamente a sentaram em opulento trono improvisado, dando à sua belésa a companhia duma dama de honor não menos tentadora. — Mas o mercado do Anjo, o antigo mercado do Anjo, não vacilou em mostrar, em meio de festas rijas, que a sua rainha era bem louçã e sabia escolher as aias entre as mais lindas...

(Fotos Alvaro Martins)



# O TRIUNFO DE JOÃO NÚNCIO EM MADRID

(DO NOSSO REDACTOR NA VISINHA CÔRTE)

A praça adornada com luxo e bom gosto.

Lá em cima, nos camarotes, um bizarro friso de *mantous* de Manila. Caprichosos desenhos de flores, lá em baixo, na arena.

A Associação da Imprensa Madrilena, à semelhança dos anos anteriores, organizará a sua corrida de touros com toda a solenidade: — os dois espadas de maior *cartel* que hoje pisam arenas espanholas, madrilenos os dois para maior solenidade — Marcial Lalanda, António Marques — e João Núncio, o elegante cavaleiro português, que aqui chegava precedido de fama e glória já conquistadas em boa lide sobre terreno nacional. Barcelona e San Sebastian, onde o heróico artista, incorporado agora nos fastos do Torneio Hispânico qual novo herói peninsular, obtivera ruído êxito e ganhára honras e benesses, davam fé de sua galhardia e méritos.

Em Madrid havia enorme expectativa em volta do nome de João Branco Núncio. E graças à sua arte da mais fina estirpe, ao estilo seu, que irrompe em milagroso geito das nossas Armas e das nossas Letras, da «Arte de cavalgar a toda a sela» e dos apaixonados justadores em antigas iluminações, Núncio, o conterrâneo tradicionalista, foi além das esperanças que a *afición* madrilena depositára em volta do seu nome.

O quadro entra, em precisa classificação, na escola impressionista. Efervescência anímica, ofuscação visual. Valorizam-se os imponderáveis. Conjunto de sons formando



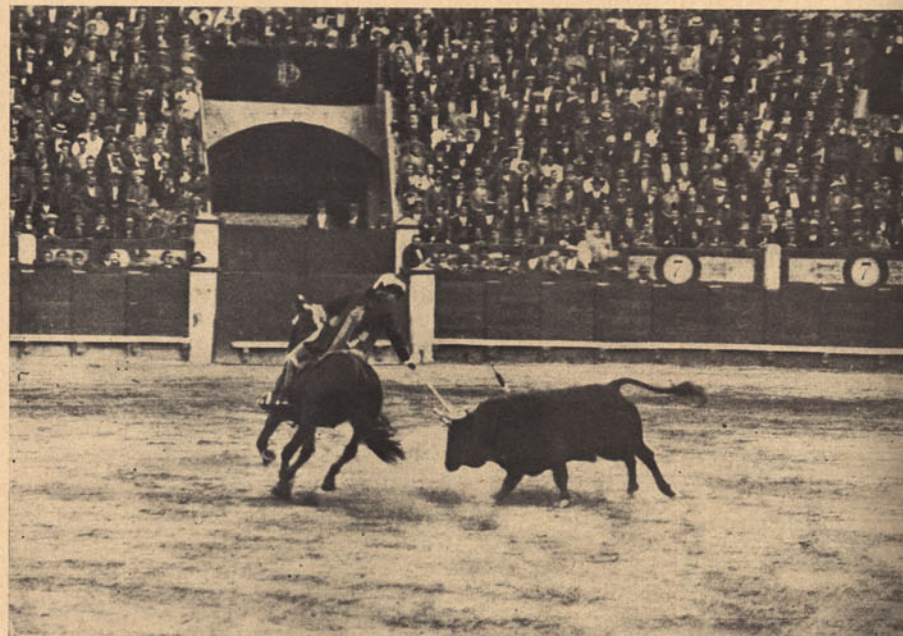
Alfonso Bonaz

um único som, conjunto de cores formando uma só cor. Sobre a amalgama deslumbrante das tintas, das mais variadas, das mais desconexas, das menos difusas, domina o vermelho.

Alegria do sol! Soa o clarim. *Pase-doble* tradicional. *Paseo de las cuadrillas*. A prata e ouro, reverberando ao sol, inundam de

luminosidades os tons opacos. O azul, o vermelho, o verde e o granate, por obra e milagre da luz fecundadora que cai, lá do alto, em caduças feéricas, desdobram-se, confundem-se, sobem de matiz e ganham luz própria. E fendendo em irisações ideais a luz do sol, serpenteando, atraindo, absorvendo, queimando, os olhos das mulheres desferem raios de íntima emoção. A tourada espanhola — mulheres, sangue, ouro e luz — reconquista neste momento todo o seu lendário prestígio. A lenda *fêz-se* realidade e refunde a fogo e caldeia em braza os espíritos mais frios, os corações mais serenos.

Sobre brioso corcel, mosqueado de negro e branco, entra na arena o cavaleiro lusitano. Sua nobre arrogância e elegante porte levantam murmúrios de admiração. E, após este vago prelúdio, imperioso, rápido, fulminante — o silêncio das grandes expectativas. Catörze mil almas assomadas para o circo. O touro arranca como uma lança de azeviche e Núncio conquista os primeiros aplausos ao ludibriar suavemente a sua acometida energética. A fera corre veloz por toda a arena, ameaçadora nos seus gemidos sinistros. Nervosa, persegue, arremete em vão. E o cavaleiro nosso conterrâneo, indo-lhe ao encon-



mente e coloca as duas bandarilhas com a graça e leveza de duas flores. Com outro par termina a heróica jornada. Com outro par e com uma grandiosa manifestação de simpatia — das mais espontâneas, das mais delirantes, das mais ensurdecedoras de que há memória na Praça de Madrid.

João Núncio no circo madrileno não se limitou a tourear a cavalo. Fêz mais: ensinou como se toureia a cavalo, revelando iné-



ditos segredos. Depois, soube apresentar-se com todo o sabor histórico daquele fidalgo cavaleiro lusitano que se pôs a meditar, letra a letra, a valiosa herança do seu rei antigo. E, com a arte de cavalgar, a arte de tourear como aqui nunca se tinha visto. Alegria, elegância, arrojo e reflexão.

«Sabes tanto como la jaca, amigo!...» — grita ao meu lado um espectador no auge do entusiasmo. A frase, para quem se precata da noção que o madrileno tem do toureiro a cavalo, foi o maior elogio que ponde receber o jovem artista português. Pouco habituado aos *rejoncadores*, o aficionado madrileno, tudo vinha atribuindo ao fino instinto do cavalo, chegando mesmo a esquecer a parte do homem na sua destreza e sagacidade. O nosso cavaleiro veio aqui rectificar o erro. Ele demonstrou *saber tanto como la jaca*, e lá na consciência do espectador madrileno isso era virtude privilegiada. E tudo isto sem acrobacias, sem espaventos, nem gritos destemperados. A força de perna, de juventude, de competência e serenidade.

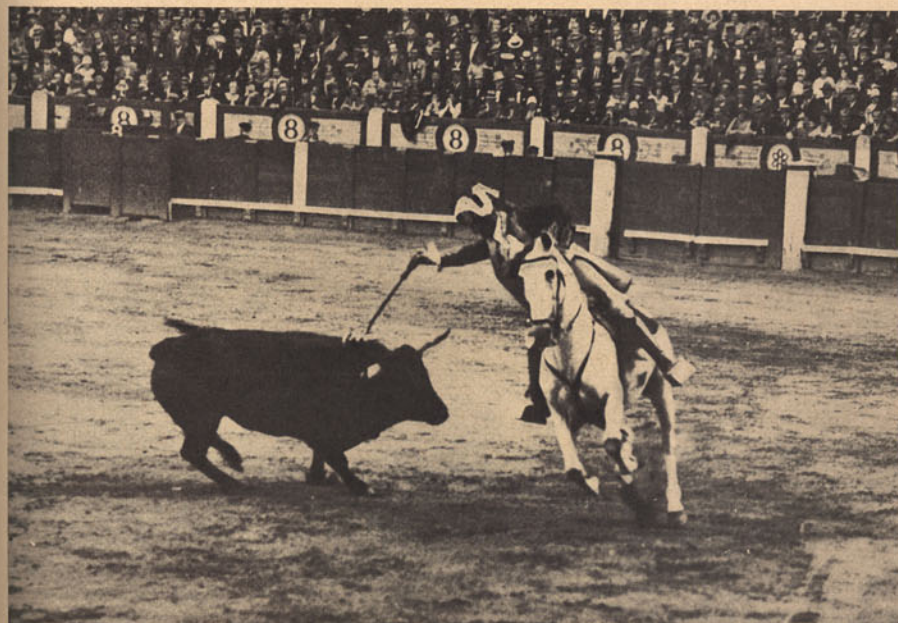
«Que tal, mi paisano? — pergunto eu a um jabota versado em assuntos taurinos.

«Quién, Nuñcio?... Pues hecho un «papa!»

Tal foi a lisongeira impressão que João Branco Núncio deixou no público de Madrid.

SEAVON.

(Foto de Vidal, apuntes de Roberto Domingo e Duarte de Almeida, exclusivos de «Ilustração».)



# FIGURAS DO MOMENTO



GUSTAVO STRESSEMANN

UMA das maiores figuras da moderna Alemanha, falecido recentemente duma síncope cardíaca. Stressemann representou a Alemanha, depois da guerra, em todas as conferências internacionais. O seu papel foi verdadeiramente extraordinário. A força de inteligência, pertinácia, tacto político, ardor patriótico e verdadeiro sentido comum, o representante dos vencidos de Versaillles conseguiu, pode dizer-se, a reabilitação da Alemanha aos olhos do mundo e as constantes revisões dos tratados de paz e de indemnisações de forma a assegurar, não só a ressurreição financeira e económica da Alemanha exausta como também do seu brio nacional ofendido com a ocupação do Ruhr. Ao morrer, Stressemann deixa, na sua bagagem o triunfo moral da entrada da Alemanha na S. D. N. e as iniciativas do desarmamento e o proveito material do plano Dawes e suas modificações recentes e a desocupação do Ruhr iniciada já pelos ingleses. Foi um grande político e um grande governante. Teve funerais nacionais impregnados de profundo luto geral. As nações estrangeiras, inimigas de ontem da Alemanha imperialista e guerreira enviaram, pela boca dos seus mais categorizados homens de Estado condolências sentidas à Alemanha progressiva e amiga de Stressemann.



COMANDANTE VASCONCELOS E SA

HERÓICO combatente da África, colonial ilustre, grande republicano e grande homem de bem, recentemente falecido com pesar geral de todo o país. Era médico naval e possuía as mais elevadas condecorações nacionais e estrangeiras.



GEORGES CLEMENCEAU

O «Tigre», o velho estadista francês, construtor da vitória da França na Grande Guerra, sobre cuja saúde se espalharam boatos inquietantes, mas que acaba de cumprir os seus 89 anos com férrea saúde de corpo e do espírito, no seu exílio voluntário num cantinho da província.



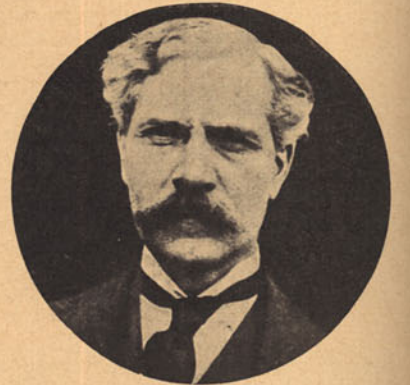
HABIBULAH KHAN

O ex-bandido Bacha-Sako, que destronou o rei Amanullah do Afeganistão e se apoderou do trono, parecendo invencível com os seus exércitos de bandoleiros, acaba de sofrer sangrenta derrota das tropas de Nadir Khan que lhe tomou, ao que parece, a própria Kabul, obrigando-o a fugir... (Foto «Vus.»)



CHARLES BONIN

ERUDITO homem de letras, ex-ministro de França em Lisboa e muito conhecido nos meios sociais portugueses, que acaba de falecer em Barcelona.



SIR RAMSAY MAC. DONALD

O primeiro ministro trabalhista inglês que, na sua recente viagem à América assinou, com o presidente Hoover, documentos do mais alto interesse para a paz do mundo.



CONDE DE ROMANONES

EMINENTE chefe do partido liberal espanhol cuja última entrevista com o general Primo de Rivera tão discutida foi pela imprensa e tão relacionada parece com a sucessão da ditadura espanhola.

# MADAME VIRGÍNIA HÉRIOT



Algumas notas da visita da gentil representante do «Yacht Club de France». Da esquerda para a direita e de cima para baixo: — Recepção a bordo do «Ailé» dos delegados dos Clubs Náuticos. — Visita de M.<sup>me</sup> Hériot à estufa da Câmara no Parque Eduardo VII. — A ilustre «yachtwoman» cumprimentando o ministro da Marinha. — Recepção na Câmara Municipal de Lisboa. — Visita ao Museu Oceanográfico da Liga Naval. — M.<sup>me</sup> Virgínia Hériot pousando expressamente para a «Ilustração»

(Fotos «Ilustração»)



*Revista Ilustração  
Virgínia Hériot*

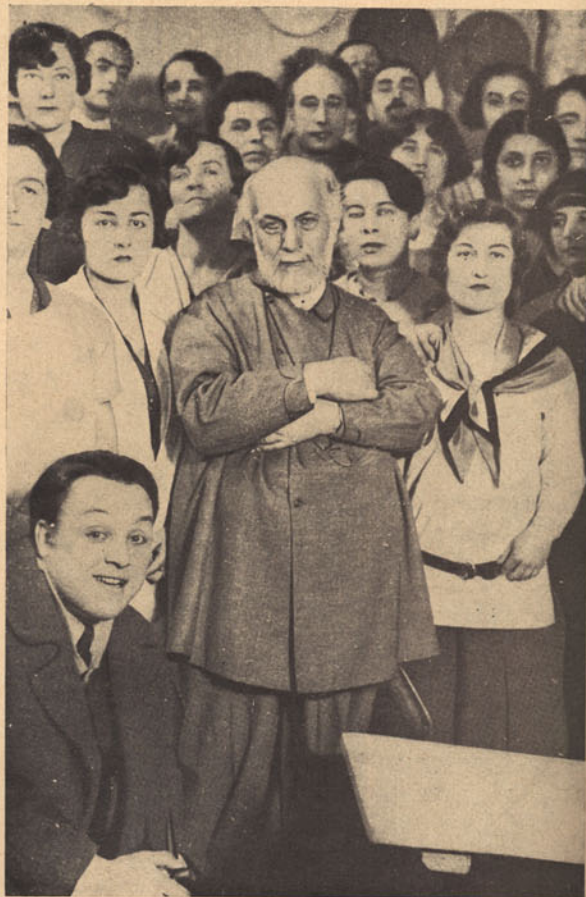


Bourdelle trabalhando, desenho de Carlos S. de Tejada

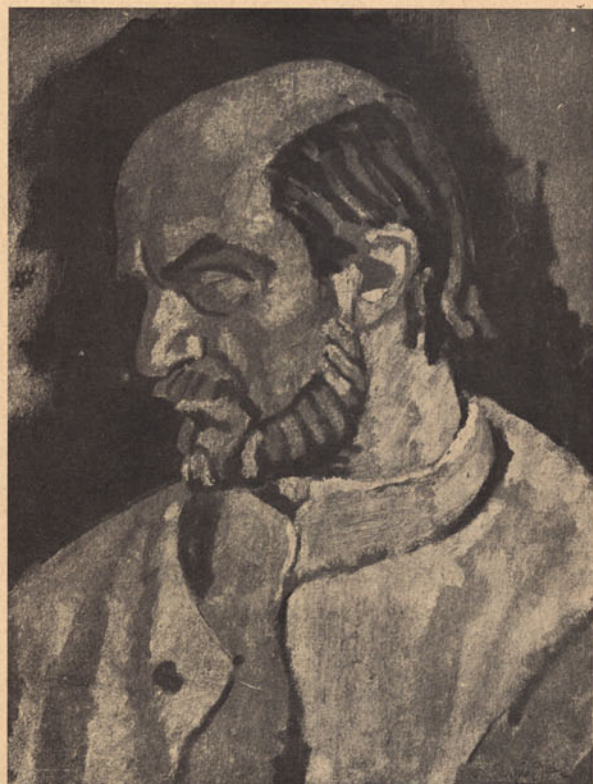
Acaba de falecer, aos sessenta e oito anos de idade, o grande escultor francês Emile Antoine Bourdelle — uma das mais vigorosas figuras artísticas dos modernos tempos e a que alcançou seguramente uma importância histórica mais acentuada. Tão magníficas foram as dimensões da sua obra, dum novo sentido conceitual e harmónico, que dela irrompe, em estrepitoso ímpeto, o intenso movimento que veio revolucionar a escultura dos nossos dias. Nascido em Montauban, como Ingres, a trajetória da sua vida artística foi em extremo semelhante à daquele insigne pintor seu conterrâneo, como se a essência duma mesma fé lhe marcasse idêntico destino. Tiveram, os dois, o sagrado culto da linha, que constituiu, num e noutro, um austero princípio de disciplina interior. Se Ingres, que fez renascer o desenho como base fundamental da realização pictórica, foi um dos maiores pintores do século passado, duma cálida emoção reconcentrada na tonalidade em geral fria e gris do seu colorido, — há quem considere a personalidade de Bourdelle neste aspecto, que o atraía como a sinceridade dum dileitante primoroso, quasi ao

# A MORTE DE UM GRANDE ESCULTOR FRANCÊS EMILIO BOURDELLE

mesmo nível da sua personalidade de escultor. Ambos eles vieram encontrar no mundo, a guiar seus passos, a cingir os vóos de águia



O último retrato de Bourdelle, no seu atelier, rodeado dos seus discípulos



a que estavam predestinados, a celebridade formidável e absorvente de dois mestres consagrados: David e Rodin. Mas, andando o tempo, tanto o pintor como o escultor puderam deixar em segundo plano o perfil enérgico dos seus predecessores.

Ingres, de David, e sem se desprender totalmente de David — depurar a beleza é gerar nova beleza — alonga a vista aos ensinamentos luminosos de Rafael, depara com uma sensibilidade afim, e embebe-se na arte de maravilha do delicioso criador das «Madonas» renascentistas; domina, assim, a expressão absoluta da sua época, chegando à visibilidade da nossa hora com a pujança e louçania dum valor eterno. De Rodin, Bour-



EM CIMA: — Retrato de Bourdelle pelo célebre pintor espanhol Daniel Vazquez Diaz

EM BAIXO: — Bourdelle, no seu atelier, com discípulos, modelos e o pintor espanhol Vazquez Diaz (x).

delle, sem desprezar o que em Rodin subsiste de consistente e imperecedouro, vai ter mais longe: — percorre os caminhos da antiga Grécia, e, com o espírito exaltado no culto da forma helénica, impõe ao mundo um novo gosto. A fórmula, recentemente aclamada para definir o sentido da arte actual — muito antigo e muito moderno — encontra nele um dos seus intérpretes mais geniais.

O excelso visionário do «Pensador» conquistou em sua vida triunfos e glórias que nenhum outro artista ainda conheceu. A sua celebridade clamorosa pertence aos nossos

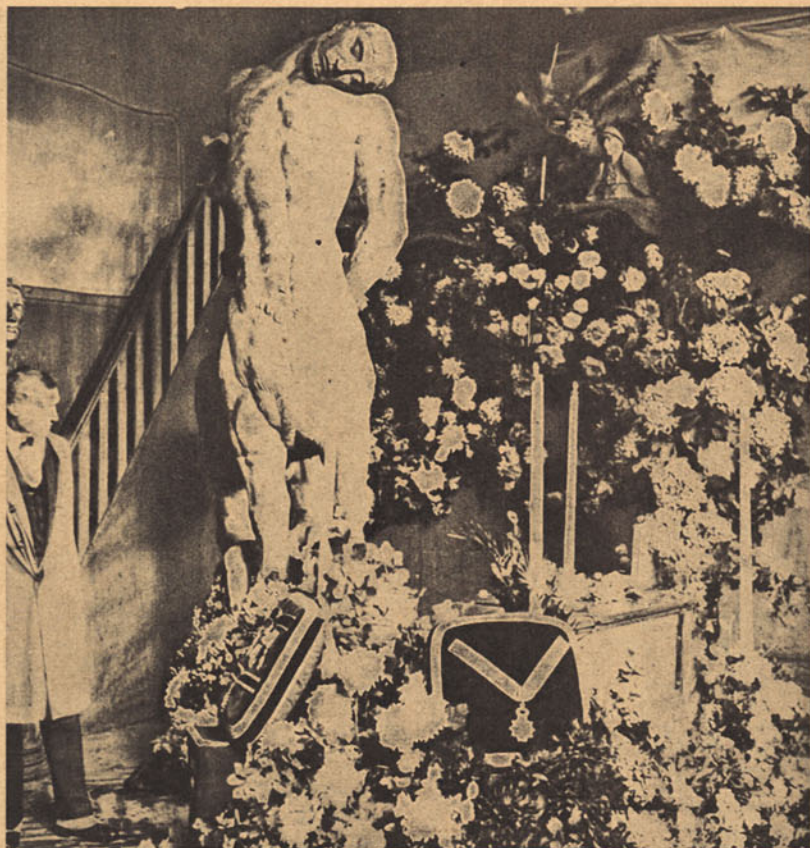


## ILUSTRAÇÃO

dias, e à volta dela girou a inquietação artística de todo o mundo sedento de eternidade. Colocado agora em justa perspectiva, pela acção do tempo, o conjunto da sua obra, vê-se que, se ainda conserva gigantescas proporções, vai perdendo aquelas grandes fabulosas que lhe foram atribuídas com desmedida prodigalidade.

Dos gostos actuais, formados por novas normas que requerem para cada uma das artes uma expressão gráfica que defina a índole da sua natureza intrínseca, mais se aproxima o escultor agora morto. Nunca a semente da sua arte frutificou em campos que lhe não fôsem propícios, e, ao contrário de Rodin, repeliu a graça enganosa da sugestão literária, sublimando a escultura com o puramente escultórico.

Mas, a-pesar de tudo, Rodin exerceu em Bourdelle benéfica influência. O forte dinamismo que perpassa, em tensão constante, através das linhas arquitecturais da sua obra,



O corpo do célebre Bourdelle exposto sob um manto de flores, na sua casa de Paris. Rodeiam o corpo algumas horas do mestre, estando no primeiro plano o «Centauro», uma das suas obras primas



Bourdelle, no seu «atelier», pousando para Vázquez Díaz. Detrás do mestre a sua obra prima «O archeiro»

movendo massas num assombro de harmonia, deve-se áquele mestre heróico em cujas mãos hercúleas a matéria consegue movimentos que chegam a ser verdadeiras convulsões. Por isso, essa crítica severa que, mais levada pelo agrado dos contrastes do que por um límpido espírito de justiça, coloca, em antítese, e para detrimento de Rodin, a figura de Bourdelle, não é inteiramente justa com aquele, que, se na sua febre levar tudo à pedra, mesmo o mais afastado da índole da nobre arte onde tão alto brilhou, caíu em conceitos bem pouco plausíveis, conseguiu dar à matéria a força dinâmica que só após êle se conhece. Bourdelle, em frente a Rodin, representa uma nova época que rectifica êrros e elimina falsas virtudes de tempos já passados. Hoje, simplesmente isto. O que será amanhã?

N. T.



BELESAS DE PORTUGAL — A TÔRRE DE BELÉM AO PÔR DO SOL

(Foto João Martins)

*João Martins*



O escultor José Planes

José Planes tem hoje 36 anos. Nasceu em Murcia — terra fértil em frutos deliciosos e em artistas de mérito — no ano de 1893. A volta dos seus primeiros trabalhos surge o estímulo de palavras alentadoras e fundadas esperanças. Revelava-se um novo artista naquele fecundo seio de artistas. Já lá nascera Salzillo, um dos mais famosos mestres da imaginária espanhola, e o moço escultor prometia novos motivos de orgulho. Murcia não perdia a senda da sua tradição gloriosa.

O antigo reino da velha Espanha, cioso da sua condição e bem ganhos foros de *pátria chica*, encarrega-se da educação do artista que desponta e estabelece-lhe uma pensão de estudo. E foi assim como José Planes, lá pelo ano de 1917, viu um caminho aberto aos seus sonhos de arte: — Madrid.

Então, não era só Madrid, como ainda não é, o centro burocrático e fidalgo, consumidor alegre e despreocupado das energias nacionais. Este sugestivo e grato ambiente madrieno tem pago com as culpas de muito man-

# A MODERNA ESCUL O ESCULTOR JO PLA

drão provinciano que cá se aferra ao grande esforço que preocupa toda a colectividade: a resolução do problema da vida, sem desmedidas ambições nem demasiadas exigências, com o mínimo de trabalho possível, e, se puder ser sem esse mínimo — melhor.

Desenvolvia-se em Madrid, como ainda se desenvolve, uma das actividades que, por si



Cabeça de mulher (pedra)

só, constitui a maior fonte de riqueza nacional: — a sua actividade artística. A capital folgazã e galhofeira era ao mesmo tempo o coração artístico do País e um dos focos de arte dos mais exuberantes e luminosos de toda a Europa culta. Para um espírito de artista, conseqüentemente rebelde a normas preconcebidas ou aos gostos impostos pela indiferença local, Madrid oferecia maravilhosas perspectivas. O seu génio picaresco, quando assoma a questões sérias, e nada mais sério do que tudo aquilo que se rela-

ciona com questões de arte, tem um fundo de austeridade repassado de emoção e poder construtivo.

Quem quiser ser sério não tem desculpa; pode sê-lo. E Planes, voltando as costas ao caminho vulgar da Escola de Belas Artes, onde a gravidade dos mestres podia abafar, nos seus indícios, a afirmação viril duma sensibilidade forte, repleta de promessas e de substância afectiva, foi um dos que quis manter incolume a sua seriedade.



Na (pedra calcária)

# TURA ESPANHOLA MURCIANO S É PLA N E S

o ímpeto da vitória sonhada e os ouvidos afic-tos áquelas famas de exportação, que só a capital reduz ao seu justo valor. Ante a sua visão fresca e o seu ardor juvenil erguia-se a barreira quasi inexpugnável duma escultura oficializada e consentida por um século de absoluta negligência. Lutar contra tudo isto, não era possível. E só mercê do seu grande espírito é que Planes se livrou a tempo de ficar para sempre acorrentado aos engodos

duma estética falsa, hoje francamente banida. Deambulou de Museu em Museu com os olhos abertos a todos os ensinamentos e a alma escancarada à beleza perece e não houve «estudio» de escultor de então por emle não passasse este inquieto murciano. Jálío António e Victorio Macho já tinham sido reconhecidos naqueles meios que formam a avançada do reconhecimento geral. Mas daí até ao grosso da coluna, quantos anos de luta, de incompreensão e de tremendas injustiças? Planes caiu em Madrid em plena época de perplexidade nas tendências escultóricas. Vinha de fora carregado de esperanças, com



Retrato de menina (mármore)

mas ainda fortemente rendosa, preferindo tomar o caminho ingrato da sua seriedade, que o levou a um estado de maturação profissional e de excelência emotiva a que se deve essa figura de *Adolescente* que preside honrosamente aos salões da Arte Espanhola na Exposição Internacional de Barcelona.

Um pequeno parentesis para aludir ás impressões aqui recolhidas sobre a acção



Adolescente (madeira)

da Arte Portuguesa naquele grandioso certame.

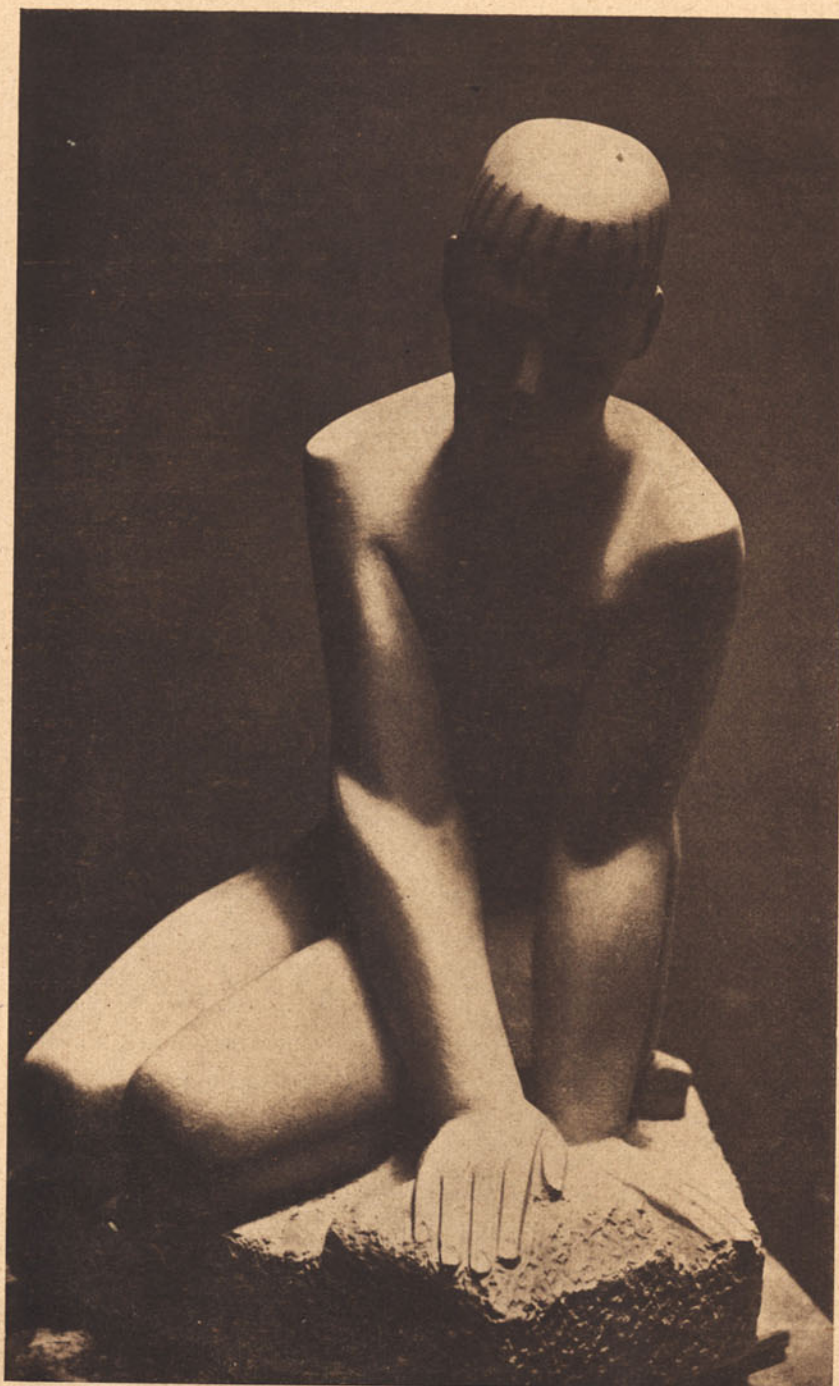
Da justiça destas — ainda lá não estivemos — podemos ajuizar pela competência e crédito que nos merecem as pessoas que temos interrogado sobre o assunto, para nós de capital interesse. E chega-se a concluir que as amostras da Arte Portuguesa, actualmente expostas em Barcelona, estão longe de corresponder à nossa tradição artística e dar mesmo uma ideia das nossas possibilidades actuais. Nas críticas da Imprensa espanhola raras vezes se vê uma alusão aos artistas portugueses.

Temos que atribuir o silêncio à cortesia. Houve, ao que parece, pouco escrúpulo na selecção do que para lá foi enviado. E fique aqui registrada, com toda a fidelidade, a impressão que Madrid nos dá da sua visita ao nosso salão de arte na Exposição de Barcelona, para, de futuro, se remediar a falta e tentar o escrúpulo que, pelo visto, agora não houve.

A vida artística d'este notável escultor tem algo de romagem devota de peregrino que vai lavar a alma manchada de antigas culpas nas águas claras do rio sagrado. Observada desde os seus primeiros vestígios, acusa a evolução gradual e serena de quem se dirige passo a passo, num sentido progressivo e

consciente, sem balbuécios, hesitações ou dolorosas renúncias, para o caminho da perfeição que se antevê e pressente num momento de intensa claridade. A atenção cuidada — quasi nunca estéril — em minúcias secundárias, que se nota na elaboração da sua obra inicial, não entorpece o seguimento do resultado, que lateja vivo, em emocional potência, na alma do artista; consolida, antes, a sua

realização num futuro, senão tão imediato, decerto mais seguro. Depois de estudada e verificada a sua inutilidade, foi abolindo peias que perturbavam uma visão clara e o desenvolvimento duma sensibilidade aguda, simplificando, num conjunto esquemático, de alto valor conceptual, planos anatómicos e valores fundamentais, dando-lhes ritmo suave, equilíbrio cadencioso e descrição elegante dentro duma composição arquitectónica de singular prestança.



Rapariga nua (pedra)

Aqui, o arrependimento veio depois de bem conhecida e amargada a culpa. Pesada esta, aquele foi mais sincero e menos violento; mais fecundo, portanto. Assim, José Planes entra a passo firme, com a alma lavada de antigas culpas, no caminho da perfeição. Consagra-se no difícil momento em que a escultura espanhola, após algumas décadas de total aridez artística, começa a reatar o fio perdido da sua tradição e conhece inéditos valores de universalidade. Ainda atingido pelas negações dum passado nocivo à proclamação da verdade estética, lança-se ao rio sagrado que tudo depura e ganha a palma da honestidade entre os grandes escultores da sua geração. E, hoje, a sua obra constitui, neste belo princípio de século, um sólido esteio.

O processo evolutivo de Planes é o daqueles que topam o fruto apetecido em sendas já pressentidas. A alma, retemperada ao calor dos grandes ensinamentos, tendo dentro de si, em germen vital e em latente estado de emoção, as grandes revelações da arte, vai-lhes dando candência espiritual e visível corporeidade à luz de novos horizontes de cultura. O puro instinto, crisálida disforme e imóvel, ganha movimento e asas e desfere o seu vôo heróico, directo ao sol. E o artista começa a criar em estado de graça.

# GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE TRABALHO  
PADRÕES DE NOBREZA

VIANA DO CASTELO, A SILENCIOSA



VIANA DO CASTELO. — A igreja matriz

## UM ÉDEN EM PLENO MINHO

Quem segue a estrada de Barcelos a Viana corta, no seu extremo-norte, o concelho de Esponde pela freguesia de Santa Marinha de Forjães. Quando o viajante, passado o Penedo do Ladrão, começa a descer para o formosíssimo vale do Neiva, descobre de repente, à direita, extenso e alto muro contornando uma quinta, como o dos antigos conventos, e que fazia a estrada em comprida recta, flanqueado, nos ângulos, por dois formosos mirantes.

A meio, um largo portão deixa entrever uma longa alameda. Adivinha-se, pela grandiosidade do aspecto, a magesta moldura duma casa senhorial. Mas em que ponto se oculta essa casa, de que a vista, percorrendo mais de duzentos metros, não consegue encontrar vestígios? Que segredos escondem, dum e doutro lado, aqueles bosques de árvores ainda novas, mas já frondosas, pujantes de seiva?

Não é difícil deavassar o mistério. Um toque forte na sineta, e, passados momentos, o portal abre-se de par em par, movido por mãos solícitas, que às vezes são, como agora, as do proprietário da quinta.

É o *Chrysler*, obtida a licença nunca recusada, galga rapidamente a alameda, até encontrar, ao fundo, um terreiro amplo, dominado por edificação imponente. Então os olhos do visitante, deslumbrados, circunnavegam em tôdas as di-



VIANA DO CASTELO. — A Câmara (à direita) e a Misericórdia (à esquerda)

recções, num crescendo de espanto, de encantamento e de maravilha.

A surpresa é tão grande, tão inédita e empolgante, que nos sentimos subjugados pela gran-

deza, pela feeria do quadro. É o assombro corta-nos as palavras, parece querer esmagar-nos o cérebro, baralhando-se as ideias, não se fixando o pensamento, não se encontrando uma trivial fórmula de expressão.

O proprietário, visivelmente satisfeito pela admiração que a sua obra inspira, convida-nos logo a acompanhá-lo, subindo e descendo carreiros marginados de plantas e de flores, escalando cômodos, vencendo encostas, atravessando pequenos vales, e a primeira impressão amplifica-se, caminhamos de surpresa em surpresa, parecendo que, diante de nossos olhos, pasmados e embevecidos, se desdobra o verdadeiro paraíso terreal, esperando a gente ver surgir de repente de qualquer recanto, da sombra duma árvore, dos tufos de plantas ou das moitas de flores, Adão e Eva na sua nudês perturbadora.

É o lago enorme com a sua gruta de ilusão e de sonho, como nunca a poderia ter imaginado Ossian, nas prodigiosas criações da sua fantasia; são as estufas sucedendo-se e multiplicando-se com exóticos bizarrismos de plantas e flores, de variedade infinita, de coloridos estranhos, falando-nos uma linguagem incompreensível mas aliciante, como se nelas vivessem transfiguradas divindades de lenda; são os bosques de arvoredo denso, o parque imenso, variegado, dum desenho exquisito, com linhas e contornos de entontecer; e os hortos e pomares, o aviário, as casas de campo e de lavoura, as grutas de



QUINTA DE FORJÃES. — Vista parcial em volta do palacete



VIANA DO CASTELO. — A estátua da cidade

todo o tamanho e configuração, a central eléctrica, a garage e as adegas, extensos campos de

cultura, ramadas sem fim, uma ininterrupta série de maravilhas.

Dentro do palácio, tudo é conforto, luxo, esplendor. Mobílias caras, artísticas, tôdas de recorte e concepção diferentes; quadros e pinturas de grandes mestres; livros raros em encadernações preciosas; um balneário completo; duas amplas galerias percorrendo a ala-norte, que é um autêntico sanatório, espreitando uma para o magestoso panorama do vale do Neiva, cujos últimos contornos se perdem ao longe no perfil nebuloso do Monte de Santa Luzia, indo ainda esbater-se, a poente, numa orela de mar.

Enfim, tanta riqueza, tanta variedade, que a pena se reconhece impotente para as descrever. Quem é o príncipe encantado que se oculta nesta paradisíaca vivenda?

Não é príncipe, porque não passa dum solitário e anacoreta, sendo a sua «bela adormecida no bosque» esta quinta, que é obra do seu cérebro e dos seus braços. Nem sequer é nobre, a não ser pelo fulgor das suas acções, que são o seu melhor brasão de armas.

António Rodrigues de Faria é um trabalhador incansável, honesto, inteligente, que na terra brasileira, em longos anos de labuta, pelos prodígios da sua extraordinária e fecunda iniciativa, honrou o seu nome e o nome do seu país.

Um dia, podendo gosar já o fruto duma grande fortuna, veio parar à sua aldeia natal, cansado dum trabalho persistente, embora produtivo, e ralado de saudades. Não o esperava uma noiva, não o acompanhava uma esposa, não vinha ferido por qualquer espécie de amores. A sua noiva, o seu amor único, era a sua terra. E essa terra não passava dum chavascal. Monte pedregoso, inculto, bravio, onde não se agitava uma frança de árvore, onde não brotava um pé de flores, onde uma videira não esten-

dia seus pampanos virentes e apenas crescia o mato e torcicolava a urze, entre rochas ásperas.

Em vinte anos de nova luta, operou-se a transformação milagrosa. No deserto surgiu o oásis. Sôbre a charneca mirrada estenden-se o éden.

Houve um momento em que amigos traiçoeiros pretenderam envolver o Hércules na túnica de Nesso, fazendo-lhe desabar o poderio e a fortuna. Voltando ao campo da luta, não se deixou sepultar sob os escombros do templo com os seus inimigos, como Samsão, mas reagiu e triunfou de novo, embora saísse ferido da peleja.

Não julgue o leitor que há qualquer sombra de exagero no que fica escrito. Muito ao contrário, a descrição está longe de corresponder à realidade.

A quinta de Forjães é certamente das mais belas do Minho, se não do país. A sua visita nunca é recusada ao viajante curioso. E só uma visita, realmente, pode confirmar a verdade do que se afirma. O homem que engendrou e reali-



VIANA DO CASTELO. — Velho motivo arquitectónico

zou esta prodigiosa maravilha, que erguen este assombroso padrão de trabalho nacional e não blasona de ascendência genealógica, nunca tratou de saber se lhe corria nas veias sangue fidalgo. Os seus únicos pergaminhos são os do trabalho.

Ignora se os seus antepassados andaram em algaras e correrias contra a moirama ou se tomaram parte na comitiva.

*«Daqueles reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as Terras viciosas  
De Africa, e de Ásia, andaram devastando.»*

Mas erguen, com o seu próprio esforço, este monumento de trabalho, que é uma honra para a terra em que nasceu e para o país a que pertence, podendo agora, ao vê-lo quasi concluído, dizer também como o Poeta, que o impeliu o

*«Amor da pátria, não movido  
De prêmio vil, mas alto e quasi eterno,  
Que não é prêmio vil ser conhecido  
Por um piegão do ninho meu paterno.»*

-- Mas este homem, quando morrer, não deve ir para o paraíso — exclamou, a nosso lado, Madame Beauvalet, quando saíamos da quinta.



VIANA DO CASTELO. — A Casa dos Arcos

— Porquê, minha senhora?  
 — Pois se ele já vive no paraíso, tem depois de dar lugar aos outros...

VIANA DO CASTELO  
 E AS SUAS ANTIGUIDADES

Em que século foi Viana foi fundada?  
 Qual a origem do seu nome?  
 Não vale a pena embrenhar-nos em questões de tal monta, aliás de nenhuma utilidade e proveito, nem para interessados nem para simples curiosos. Demais, como em tôdas as terras acontece, quando se trata de deletrear a sua ori-

pelo fogo das convicções mais ardentes, to-  
 pando não raro, e como que a cada passo, coisas  
 que levam a tristezas, pejos e vergonhas.»  
 Nem sequer pode blasonar-se com o título de  
*terra de nobreza*, de que hoje ainda muitas se  
 ufanam. Viana foi, até princípios do século XVI,  
 uma povoação de plebeus, sem títulos nobiliár-  
 quicos, é certo, mas enobrecida pelos brasões do  
 trabalho. Escreve, por isso, o mesmo José Cal-  
 das:  
 «Na acepção histórica e jurídica do vocábulo,  
 em Viana nunca houve aristocracia propriamente  
 dita: — isto é, aquela classe à parte, composta  
 de *miles* ou de *filium dalgo*, que recebendo



Outro velho motivo decorativo numa casa velha



QUINTA DE FORJÃES. — O Palacete Rodrigues de Faria

gem, haveríamos de andar às apalpadelas pela  
 noite dos tempos, sem atinar com terreno firme  
 e seguro.

Viana é, afinal, o que dela diz um seu histori-  
 ador nativo de renome e fama, José Caldas:  
 «Poucas serão, por certo, as terras portugue-  
 sas, cuja história política e militar seja mais  
 triste, que a de Viana. Raro encontram os olhos  
 com que rejubilar-se por feitos de armas, ou

*préstamos* do património da corôa, ou ainda re-  
 giúenos de avoenga real, para sua manutenção, ou  
 tomando-os por partilha, em razão de proezas ou

tos de variado comércio, na Índia e partes do  
 Brasil.»

É esta a nobreza, bem mais honrosa, por si-  
 nal, que a outra, com que se enfeitam muitos  
 dos titulares das casas nobres que Viana conta,  
 e que lhe dá oúso para prosápias genealógicas.  
 Porque as fumaças desta vaidade, de que  
 ainda está imbuida, não lhe consentem que veja  
 o caminho do presente e do futuro, conservan-  
 do-se eternamente de olhos cravados no abismo  
 do passado.

É essa a razão por que Viana, emoldurada na  
 opulência e no fulgor duma paisagem que é das



VIANA DO CASTELO. — Vista parcial da velha fortaleza



O Hospital Velho, antigo albergue para peregrinos

actos memoráveis, que mais tarde as inquirições  
 do século XIII reconheceram, tinham os cargos  
 públicos, que não eram exclusivamente militares,  
 assim como toda a espécie de exercício comercial,  
 por acto inteiramente indigno das suas  
 prerrogativas.

«Os herdamentos com que em Viana se en-  
 grandeceram muitas casas; o ouro mesmo com  
 que se instituíram vínculos e capelas de grande  
 aparato heráldico, tudo foi ganho por esforço  
 de braço, não em batalhas contra árabes ou cas-  
 telhanos, se não que mourejando, e bem dura-  
 mente às vezes, em alcadarias, governos e tra-

mais belas do país, se conserva na sua vida in-  
 terna sempre triste, silenciosa, quasi parada.

Silenciosas e tranquilas são as águas do rio,  
 onde agora não rebóam vozes de tritões e de  
 sereias, e só de ano a ano acordam com o fragor  
 monótono das serenatas; silêncio é o cais esti-  
 radado sobre um pórtico em ruínas, que se não  
 move nem comove com as pragas dos pescado-  
 res ou com os gritos desesperados das suas mu-  
 lheres em ânsias; silencioso e calmo é todo o  
 ambiente onde levemente rumoreja uma calma  
 vida comercial.

Pela barra fora, saem produtos duma indústria

escassa e quasi sempre estranha à cidade; pela barra dentro raras e pobres são as entradas. Há silêncio na terra, no rio e no mar, e por isso um amável companheiro de viagem comenta: — Parece uma cidade morta!

Ora Viana só deve acordar, ressurgir a valer para a vida moderna, quando a neo-aristocracia se lembrar de que a sua verdadeira nobreza lhe não veio «das praças públicas, das voltas da guerra, das venalidades impúdicas da Índia, e dos trabalhos do mar, pela qual o filho do povo, *vil sem nome*» veio mais tarde a confundir-se com os *filhos d'algo*, «igual nos vícios e na insolência», mas do trabalho daqueles naturais que viviam apenas de pescaria, e cuja única fazenda eram «naus e galés, barcos e armas»...

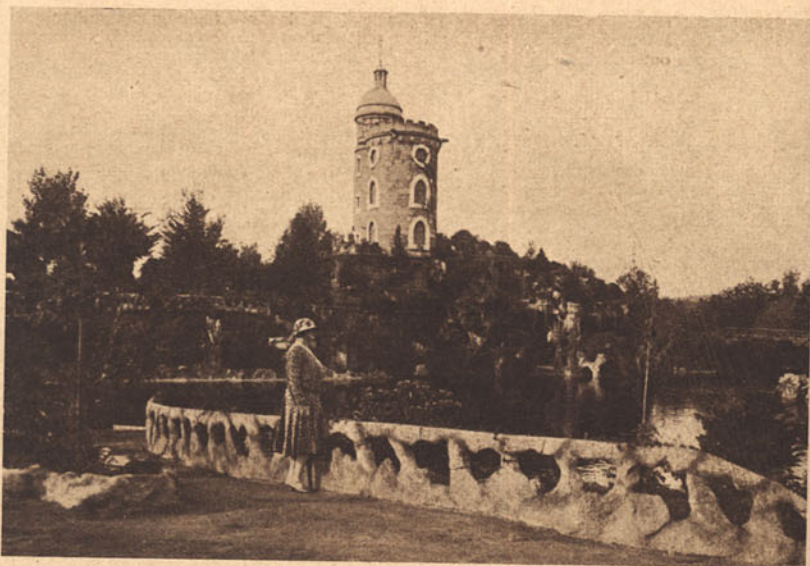
Digamos, no entanto, alguma coisa desta cidade velha, por cujas estreitas e tortuosas ruas há ainda um característico cheiro a bafio medievo.

Logo na praça principal, agora da República, já tendo sido da Rainha, e que antigamente se denominara Campo do Forno, encontramos três valiosas relíquias, a oriente: os PAÇOS DO CONCELHO, interessante construção manuelina deturpada, o CHAFARIZ, que é um dos mais belos do Norte, e a MISERICÓRDIA, com a sua imponente fachada Renasçença. Há ainda nesta praça a casa ameaçada dos SÁ PINTO SOTOMAIOR, senhores da Torre de Lanheles e que foi construída, segundo se crê, bem como o chafariz, pelo mestre canteiro limiano João Lopes. Nos fundos desta casa, por curiosa coincidência, encontra-se hoje instalada uma agência do Banco Pinto & Soto-Maior.

A IGREJA MATRIZ, que se encontra perto desta praça, é, no dizer de certos arqueólogos, alguns de maior fama que saber, um edificio bisantino-romano, tendo passado por várias reparações depois do século XV, em que foi construído.

A norte da matriz, no topo do adro, vê-se a CASA DOS ARCOS, que dizem ter pertencido ao navegador e descobridor português Gonçalo-o-Velho, natural desta cidade, e onde se encontra hoje instalado o Instituto Histórico do Minho.

Descendo ao Terreiro da Erva, donde irradia um dédalo de ruas medievais, encontra-se uma descolorida fachada quinhentista com seu nicho e brasão, e onde esteve instalado o antigo hospital. Teem a rua e o prédio o nome de HOSPITAL VELHO, talvez por ter sido seu instituidor, em 1468, João Pais o Velho, da família Velho, uma das mais distintas de Viana e da Ribeira Lima.



QUINTA DE FORJÃES — Um aspecto da quinta; o lago

Primitivamente, e antes que a Rainha D. Leonor houvesse criado as misericórdias, era este edificio destinado a *albergue para peregrinos*, uma das mais caritativas instituições que floresceram em terra portuguesa.

Por estas ruas encontram-se a cada passo, engravados nas paredes e portas, vestígios artísticos do passado: cornijas de fino lavor, janelas góticas, portas em ogiva, fenestras geminadas, portais quinhentistas, brasões, lápides e outros motivos decorativos, como diz o sr. Conde de Aurora no seu *Roteiro da Ribeira Lima*.

Próxima ao cais, sobranceira ao rio, no seguimento da Avenida, vê-se a curiosa ESTÁTUA DE VIANA, gracioso trabalho arquitectónico, estilo D. João V.

Fica perto uma casa acreditada em Viana pelos seus petiscos — a Margarida da Praça — tendo-se tornado famoso um bacalhau que a raros

mortais tem sido dado saborear. Para o forasteiro, êsse famigerado acepipe nunca existe. É uma coisa que *xa no hay*, como diz um galego encarregado de repetir sempre o estribilho. O que vale é que, em artes culinárias, tem Viana muito por onde se escolha, o que já não acontece na sua vizinha Ponte do Lima, para cujas garridas vistas os olhos nos andam sempre fugindo.

Junto à foz do Lima, e ao fundo do Campo da Agonia, levanta-se ainda o antigo castelo, donde Viana tirou o seu apêndice, e que é, sem dúvida, das suas mais antigas construções, tendo passado por muitas reformas, através de diferentes reinados. Sobre o forte arcaboço da velha fortificação assentam agora umas casotas modernas, tôdas caiadas, que parecem pombais branqueando no dorso dum rochedo.

Não reza a história de grandes feitos heróicos, parecendo que o maior foi a defesa contra as forças da Junta do Porto, em 1847, o que lhe mereceu uma carta régia de D. Maria II, elevando a vila a cidade de Viana do Castelo.

Há mais que esmerilhar, porém, nesta pesquisa de nobrezas, numa terra a que José Caldas não concede aristocracia.

REINALDO FERREIRA,  
SOUSA MARTINS.

(Fotos de Alvaro Martins.)



VIANA DO CASTELO. — Uma linda casa antiga, hoje sucursal dum banco

A REPORTAGEM  
LIGERÁRIA E FOTOGRÁFICA  
PARA A SECÇÃO

“GRANDEZAS  
DE  
PORTUGAL”

É FEITA EM AUTOMÓVEL  
“CHRYSLER”

DE QUE É REPRESENTANTE  
EM NOSSO PAÍS A FIRMA

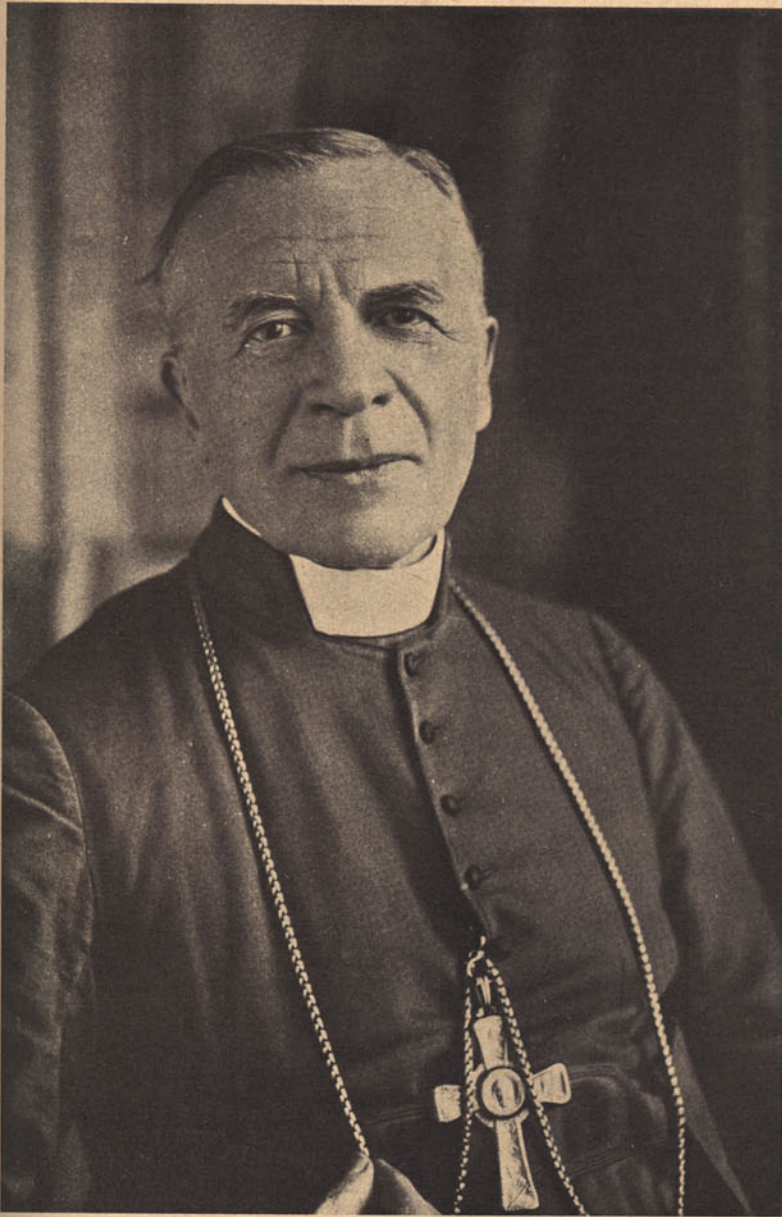
A. BEAUVALET

LISBOA — RUA 1.º DE DEZEMBRO, 137  
PORTO — RUA DE SANTA CATARINA, 73



# UMA GRANDE FIGURA

## A VIDA E A MORTE DE S. E. O CARDEAL DUBOIS ARCEBISPO DE PARIS



Sua Eminência o Cardial Dubois que acaba de desaparecer do mundo dos vivos, era uma das mais altas figuras do clero católico. Era de origem humilde.

A Igreja, sociedade autocrática, tem chamado sempre a desempenhar os papéis mais eminentes homens da mais humilde origem. Pio X era um obscuro pároco da Lombardia e a Cardial Dubois, morto agora, após 50 anos de ter dito a sua primeira missa, era filho de pobres campônios da região do Sarthe. Foi pároco no Mans, bispo em Verdun, arcebispo de Bourges e de Ruão. Em 1920 foi chamado a substituir Monsenhor Amette na arquidiocese de Paris. Desde 1916 que lhe fora outorgado o chapéu cardinalício depois

de ter subido, um a um, todos os degraus da gerarquia eclesiástica.

A arquidiocese de Paris é tarefa esmagadora. Compreende como diocesanos a décima parte dos habitantes da França, colônias estrangeiras vindas de todos os países católicos, imensos arredores mal organizados, com falta de párocos e igrejas. Mgr. Dubois organizou uma verdadeira evangelização das comunas abandonadas e era com alegria que, freqüentemente, estabelecia novas paróquias.

A época que atravessamos e o gosto ambiente não o assustavam. Era um admirador do bom cinema e aprovou, estimulando-as, as tentativas dos architectos Perret

que tentam dotar a nossa época com um novo tipo de construções religiosas.

A pesar de os títulos de Primaz das Gallias e Primaz da Aquitania estarem ligados aos arcebispos de Leão e Bordeus, o cardinal-arcebispo de Paris foi sempre, pela força das circunstâncias o porta-voz da Igreja junto do Governo. O papel político do Cardeal Dubois foi particularmente importante em 1924 e 1928. Também o prelado prestou inesquecíveis serviços à fé, na sua grande missão à Síria e ao Levante, de evangelização das populações francesas afastadas da civilização e da religião da mãe-Pátria.

Homem de fina cultura e de vasta inteligência, Mgr. Dubois afirmou-se sempre como uma indiscutível individualidade mental. Perspicaz, de largas vistas, lançou mão de todos os meios nobres ao seu alcance para o combate à descrença, ao relaxamento dos costumes, à perversão da moral social. Muitos literatos, alguns dramaturgos e cinematografistas devem ao finado Cardeal Dubois a protecção necessária para obterem o triunfo com produções intellectuais ou artísticas que, longe de obras de árida catequese, são, isso sim, obras de beleza moral reabilitadoras, reagindo contra a dissolução do ambiente. Assim, inteligentemente, cumpria o bom prelado o seu sacerdócio e não poucos caluniadores lho assacaram como crime. Também a sua atitude no caso célebre da «Action Française» foi comentadíssima e discutida com paixão. Uma verdade ressalta desta última questão; é que o Cardeal Dubois foi um combatente da envergadura precisa, numa pugna em que eram grandes figuras o formidável polemista Léon Daudet e Charles Maurras, o maior escritor da França moderna.

# Arruda da bruxa



vulgarmente conhecida por Arruda dos Vinhos, foi visitada de relance por um redactor da "Ilustração," que por lá colheu boas notícias e alguns ensinamentos de bruxaria

Nós, os homens desta primeira metade do século xx, nem atentamos nos benefícios incomparáveis que o progresso nos proporciona. Débeis de compleição, como somos, em relação à robustez granítica de nossos avós, se ainda houvéssimos, como eles, que usar a velha deligência a desengonçar-se por caminhos tortuosos para jornadaarmos de Lisboa à Arruda, chegaríamos cadáveres ao nosso destino.

Hoje, felizmente, a antiga deligência puxada a mulas desapareceu. Os caminhos de ferro rompem triunfantes através de montes e valados e, pelas estradas lisas como rinks de patinagem, deslisam grandes salões estofados, cómodos, assentes sobre quatro rodas sólidas que a gasolina movimenta, célere. De Lisboa até à Arruda dos Vinhos de grata memória — os vinhos, principalmente — viaja-se agora rodeado de confortos que as magestades do século xviii nem sequer sonhavam no seu tempo.

Nestas coisas pensava eu há dias, quando uma camioneta amarela como um canário e ampla como um *smoking room* de transatlântico, transpunha com ligeireza, pela estrada suave, coleante entre encostas verdejantes de vinhedos, a curta e pitoresca distância que vai de Alhandra industrial à Arruda agrícola.

Era, como nas novelas de Júlio Denis, um fim de tarde amêno, melancólico. Meu olhar pousava enternecido na paisagem quasi idílica que me cercava. Casais branquejavam entre verduras e, numa evocação de paisagem de outros tempos, ainda apareciam — embora raros — moínhos de velas brancas, cantando uma triste canção, talvez a história da sua estranha sobrevivência numa época em que poderosas máquinas eléctricas, em grandes fábricas de fachada apocalíptica, moem num ápice toneladas de grão de trigo.

A vegetação é intensa, predominando a cêpa, que tudo cobre e tudo invade, ondeando de colina em colina, até perder de vista. Foi em presença destas quintas encantadoras, onde a nora geme e o bacêlo medra quasi espontaneamente, que eu compreendi porque Arruda não é apenas Arruda e leva o cognome dos Vinhos para melhor a definir.

Puz pé em terra junto do monumento aos mortos da Grande Guerra, airoso e sóbrio, que honra o artista que o concebeu. Estávamos no coração da Arruda. Em frente, ergue-se o edificio da Administração do Concelho, simples e limpo; em tórno da pequena praça, estabelecimentos decentes, no arranjo das montras, constituem uma nota moderna de bom gosto na vetustez daquela terra. E

como ali fôsse o centro mais importante da localidade não se esqueceu o município, para insinuar no espirito do forasteiro quanto Arruda progrediu e se modernizou, de construir nas faces laterais do prédio da Administração dois W. C., um para homens, outro para senhoras, lendo-se na porta do destas últimas o aviso que reproduzimos para elucidação das leitoras que alguma vez se percam para aquelas bandas: *A chave está na farmácia.*

Lá ao cimo, logo à entrada da vila, há um jardim curioso para bem dispôr o visitante. Pena é que não tenha flores e que o repuxo não repuxe, já não diremos água, porque é uso faltar em quasi todo o país nesta época em que dela mais se carece, mas, ao menos, vinho, visto de vinhos a Arruda estar mais fornecida do que qualquer outra vila. O jardim possui apenas grandes árvores, velhas, centenárias, do tempo de El-rei Junot. Uma delas tinha a meio do tronco uma enorme fenda, como uma chaga incurável, capaz de lhe dar a morte e derribá-la. Alguém se condeu da pobre árvore sofredora e resolveu tapar-lhe a fenda com cal e areia. Devia ter sido remédio receitado pela célebre bruxa da Arruda, infalível em seus vaticínios, sábia em suas curas, porque a planta se encontra pujante e cresce airosa, embora a cal a desfeic um pouco como uma cicatriz num lindo rosto de mulher.

Digno de nota, de especial registo, a não ser o pouco que lhes contei, leitores, não encontrei por lá mais nada. Que mais dizer que lhes interesse? Que não existe em Arruda um hotel, mas apenas estalagens primitivas?

Que os pavimentos das ruas tortuosas e soturnas, sem a menor menção de estético alinhamento, são indignos de uma vila populosa e rica como aquela? Que o povo é afável e hospitaleiro, como o é aliás em todo o país? Que encontrei por lá, fazendo, pelo contraste, realçar galhardamente os traços regionais e as formas opulentas e saudáveis das arrudenses, algumas meninas de Lisboa, pintadinhas, magrizelas, misérias físicas a ares — dando-se ares de pessoas *chics*? Que mais lhes hei eu de dizer, leitores?

Eu sei, adivinho a notícia que lhes seria agradável e lhes está preocupando neste momento o espirito. Cada um dos que me lê formula, neste momento, esta pergunta:

— E a bruxa? A célebre bruxa da Arruda?

A bruxa da Arruda morreu. Não lhe aproveitaram receitas sábias, nem unguentos, nem rezas satânicas, nem combinações misteriosas, pela noite velha, com o Príncipe das Trevas. A esta hora deve encontrar-se na diabólica presença, lá nas profundas dos Infernos, dando conta ao Demo do mal que na Terra praticou sob sua inspiração.

A bruxa morreu mas deixou prole que sabe honrar a memória famosa de sua mãe. Três filhas — três bruxas — mulheres de muita virtude, continuam a tradição da bruxa mãe, a bruxa máxima, em três terreolas distintas dos arredores da Arruda. Adelina, a mais velha, uma quarentona ainda bem conservada que vive em Val de Grô é a que gosa de maior reputação. Se os leitores quiserem penetrar um pouco o mistério das curas maravilhosas de Adelina, a bruxa da Arruda, que tem sido procurada por clientes de todas as provincias do país, entrem connôco no estabelecimento mais estranho, mais original, não só daquela vila, como da nação inteira. Essa loja, que é mercearia, taberna e casa de pasto, fica situada na rua principal, uma artéria sinuosa, orlada de casebres irregulares, que deve ter o nome de rua Direita pela simples razão de ser a mais torta.

Não percam os leitores seu tempo precioso a examinar a profusão de objectos que se acumulam numa confusão inextricável, no interior do estabelecimento. Não reparem no encançado que forra as paredes, nem nos barrilinhos inúmeros de tempos pintados de preto e verde ou de vermelho e preto, nem nas prateleiras atravancadas de boiões de vidro, que contêm bolos velhos com cabelos brancos, nem na cascata feita de cascas de mexilhão e ameijoas, que, em frente, sobre o balcão, se ergue triunfal quasi até ao teto, com o seu repuxo airoso, a sua piscina de águas trémulas e transparentes, os seus pe-





reminiscências de casos excepcionais, um velhote que estava perto ergueu do prato o bigode branco, bebeu um gole pausado, limpou os lábios e disse :

— Não me admira isso. A uma pessoa das minhas relações que sofria do peito, tuberculose, creio, desenganada dos médicos, mandou a bruxa aplicar no local das dores uma pele de coelho. E pele de coelho foi ela que essa pessoa nunca mais teve dores e anda por aí viva e sã como um péro.

— Aquelas mulheres sabem muito — comentou o baixo, sangüíneo. — As suas rezas têm um grande poder e, embora os médicos se riam de suas práticas, o que é certo é que elas curam, sem nunca terem passado pela Universidade de Coimbra.

Todos fizeram com a cabeça sinais de assentimento. O sangüíneo mastigou ruidosamente e prosseguiu :

— Uma receita que ela recomenda para várias doenças e cujos resultados, segundo consta, são infalíveis...

Os outros arrebitaram a orelha, curiosos. O baixote demorou uma longa pausa, meditando, e recitou por fim esta receita da bruxa, que reproduzimos exacta porque pode servir talvez a qualquer dos nossos leitores :

— Alecrim, giribão, banha, miolo de pão, um ovo, arruda e o lixo do rio que não esqueça.

Quedaram os convivas boquiabertos ante tanta complicação. Um houve que não concordava com o lixo do rio ; outro afirmava o contrário : que no lixo do rio devia estar a maior virtude. O de nariz adunco e bisbilhoteiro perguntou :

— E a bruxa, quando está doente, também toma o lixo ?

— Não sei — disse um que até ali não pronunciara palavra. — Não sei se ela toma as drogas que receita. Sei apenas que se acontece alguma pessoa de sua família estar enferma, ela envia-a imediatamente ao médico...

Fraca crença, leitores, tem a bruxa da Arruda, nos seus próprios méritos. Santos da casa não fazem milagres...

MÁRIO DOMINGUES.

(Desenhos de Tom)

xes e patos de celuloide e seus botesinhos de madeira tripulados por marujos de cortiça, nem nos balões de arraial que pendem do encançado do teto, nem nas cebôlas e molhos de alhos que por entre os balões se encontram, nem nas gaiolas, muitas gaiolas balouçantes, peçadas de pintasilgos, canários, tentilhões, pintaroxos e outras espécies aladas, que ensaiam trinados estrídulos e desconexos. Não, leitores, não dispersem a sua atenção por tanta minúcia, nem quedem intrigados na contemplação de um canudo enorme que vem lá do fundo obscuro da loja, atravessando o espaço até quasi à porta, onde se detém em forma de lírio. Para lhes evitar meditações e cálculos sobre a aplicação de tão estranho aparelho, desde já lhes revelo que o canudo é a campânula gigantesca de uma grafonola minúscula, cujos discos giram na cozinha, arremessando o som através do cano para o centro da loja onde a freguesia escuta extasiada. Não percam os leitores seu tempo precioso e passem comigo ao salão contíguo, menos complicado e mais amplo. Contemplem de ôlho terno as garrafas de champanhe que, de pernas para o ar, suspensas do teto, pairam sobre nossa cabeça como uma promessa vã. Uma velhota traz, fumegantes mãosinhas de carneiro, saborosas e bem temperadas. À mesa longa, a rivalizar com o comprimento do canudo sonoro da grafonola, sentam-se vá-

rios indivíduos que conversam e eu, desiludido das neçaças do champanhe, que por estar fora do meu alcance me pareceu execrável, presto atenção à conversa dos outros convivas.

Recolhi as notas que os leitores recolheriam também se houvessem accedido ao amável convite que lhes fiz de penetrarem no original estabelecimento. Falavam da bruxa.

— Há dias — dizia um, baixote, atarracado e sangüíneo — minha prima Joana começou a queixar-se de dores no ventre. Que seria, que não seria, decidi o marido levá-la à bruxa, que é uma mulher muito entendida em males da barriga. Sabem o que lhe recitou ?

Os outros não atinavam com o que a Adeline poderia ter preceituado para curar as dores de barriga da Joana.

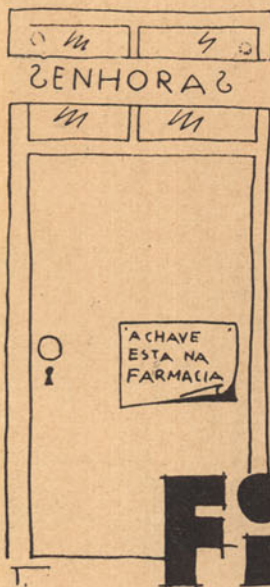
Então o baixote fez a revelação sensacional :

— Que se abrisse ao meio um borracho vivo e, enquanto estivesse sangrento e palpitante, o applicassem sobre o ventre da enferma.

— E deu resultado? — inquiriu um, de grande nariz rubicundo e bisbilhoteiro.

— As dores desapareceram como por encanto.

Entrocharam-se os interlocutores, por momentos, assombrados. E como o relato de um acontecimento extraordinário tem o condão de excitar as imaginações e provocar outras



**FIM**

# NO PARLAMENTO INGLÊS

## “MISTER SPEAKER” E “BLACK ROD” O ORADOR QUE NÃO FALA E O TELEFONE VIVO

O parlamento britânico é uma velha instituição bem diferente das suas congêneres no resto do mundo, e da qual será interessante contar algumas praxes curiosas a que a tradição confere o valor de dogmas irrevogáveis.

Uma das figuras de maior relêvo parlamentar é o presidente da Câmara dos Comuns, a quem os ingleses chamam «Mister Speaker»: — O senhor orador...

É curioso, porém, que o «Senhor Orador» — o orador por excelência — é justamente a única pessoa que no parlamento não pode fazer um discurso.

É-lhe absolutamente vedado pelo regimento, tomar parte em qualquer debate...

O «Senhor Orador» não está ali para falar. Mais alta é a sua missão.

É considerado o guarda e o zelador da própria honra da Câmara. A lei exige dele que seja correcto, justo, sábio, benevolente, escrupulosamente imparcial e tão gentilmente disciplinador que se possam aplicar-lhe os versos duma velha balada escocesa que dizem: «Deitou-me pela escada abaixo tão delicadamente que eu pensei que me ajudava a subi-la».

A personalidade do Speaker está envolta num prestígio enorme. O mesmo púlpito aonde sobe é uma coisa sagrada. Quando Mister Speaker entra na sala para abrir uma sessão dirige-se ao púlpito, ao seu lindo púlpito de carvalho esculpido, e saído-o três vezes. Nesta vénia tríplice, o presidente da Câmara curva-se perante a memória dos seus antecessores como perante o altar dos deuses lares, e no fundo da sua consciência, britanicamente escanhoada de qualquer penugem sectária, ratifica o juramento prestado de defender, como todos eles, a Honra, a Dignidade e as Liberdades da Câmara.

Oficialmente o Speaker pode comungar em qualquer credo político; é-lhe vedado, porém, desde que assuma o seu alto cargo, manifestar qualquer opinião. Como o Rei, como os judeus, o Speaker está fora de tódas as lutas partidárias.

Seja qual fôr o diapasão por que afinem as discussões políticas, basta uma palavra de

Mister Speaker para que o silêncio mais profundo reine na sala.

Na célebre sessão de 1906, em que a maioria era liberal, o Speaker era retintamente conservador, mas isso não impediu que fosse reeleito para a nova sessão! E tão escrupulosamente esse homem tinha sido imparcial que o deputado socialista Henderson felicitou a Câmara pela reeleição nestes termos:



«Os deputados socialistas, na sua maioria desconhecedores das praxes e usos parlamentares, felicitam-se e felicitam a Câmara pela reeleição do seu Presidente, por nele terem encontrado sempre um conselheiro atento e de uma imparcialidade absoluta».

Devese ao alto prestígio do «Speaker» a decência do parlamento inglês.

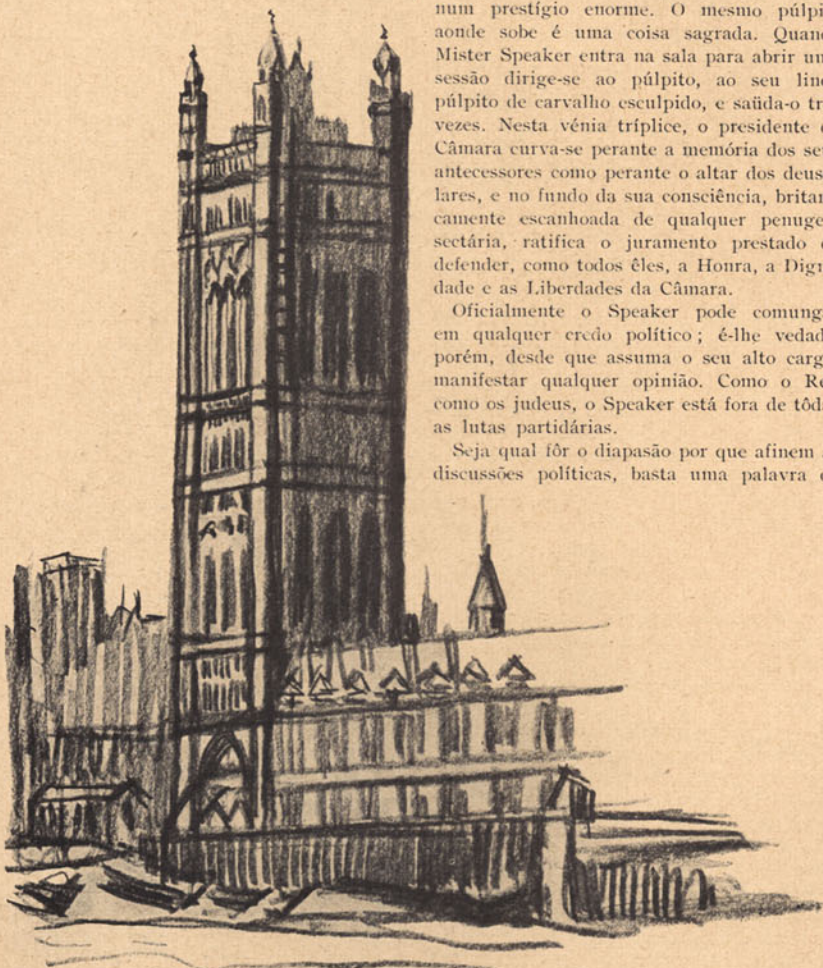
Esse chorrilho de amenidades, que tantas vezes esmalta os discursos dos deputados latinos, não cabe nos moldes rígidos da eloquência britânica.

É proibido aos deputados ingleses o uso de vocábulos que são moeda corrente em outras assembleias.

Alguém teve a curiosidade de apontar os termos que, nos últimos dois séculos, mereceram reparos aos Speakers da Câmara dos Comuns.

Como ides ver, alguns dêsses epítetos seriam entre nós amabilidades puras e todos êles lugares comuns em todos os parlamentos:

- Dirty Trick (partida de mau gosto).
- Dishonest and hypocritical (desonesto e hipócrita).
- Fenian (rebelde).
- Humbug (mistificador).
- Idiotic style (estilo parvo).
- Impertinent (impertinente) !!!
- Improper motives (razões inconfessáveis).
- Judas (traidor).
- Language of the pothouse (linguagem de taberna).



Liar (mentiroso).  
Unworthy motives (razões indignas).  
Perjury (perjuro).  
Scandalous (escandaloso).

Um deputado que chamou a um dos seus colegas «serpente do mar», aludindo à raríssima comparação desse colega às sessões da Câmara, mereceu a interferência do Speaker que o convidou a retirar a comparação... demasiado zoológica.

Outro orador foi chamado à ordem em termos severos por ter afirmado que certo membro da Câmara tinha falado «sem pensar» (without thinking)!

Outro tanto aconteceu a um orador que afirmou que o deputado X dizia tudo quanto lhe vinha à cabeça.

Sob este regime, para cá da Mancha, haveria muita gente condenada ao mutismo perpétuo...

Mas não façamos comparações porque seria «impertinente».

### O «BLACK ROD»

Outro personagem curioso do Parlamento britânico: Black Rod (vara negra).

Black Rod é o telefone vivo que põe em comunicação as duas casas do Parlamento. São tão importantes as funções do seu cargo que os estrangeiros têm uma certa dificuldade em compreendê-las. Vamos a ver se podemos dar uma ideia do que seja essa personalidade tão em destaque nas instituições britânicas.

As funções deste senhor, que veste de veludo negro, usa cabeleira e ganha mil libras por ano, são, como já dissemos, as de um telefone entre as duas Câmaras. Logo que nos Lords se sabe que os Comuns elegeram o Speaker, o Lord Chanceler manda Black Rod a outra sala do Parlamento.

As duas salas comunicam entre si por um extenso corredor.

Mal o «Vara-Negra» assoma a uma das extremidades, logo os guardas bradam em voz cava: Lugar a Black Rod! Lugar a Black Rod!

Black Rod, vestido à século XVII, avança cheio de dignidade, e o «sergent at arms», espécie de archeiro que defende a entrada da sala parlamentar fecha estrepitosamente a porta principal da Câmara baixa. O estrepito é da praxe. Então Black Rod aproxima-se da porta e bate três pancadas solênes.

O archeiro abre um ralo dourado e pergunta:

— Quem está aí?

— Black Rod. Da parte do Rei.

O archeiro faz um sinal ao Speaker, que manda logo abrir.

Então o «Vara Negra» entra na sala, avançando até um ponto determinado pela cti-queta, e transmite o convite feito pela Câmara Alta à Câmara Baixa. Imediatamente o Speaker, escoltado pelos seus secretários, que levam o sceptro da Câmara e vestem também de veludo negro, se dirige à sala dos Lords onde o Chanceler lhe comunica que o Rei aprova a eleição.

E findou a missão de Black Rod.

Além desta incumbência de estabelecer comunicações entre as duas Câmaras, «Black Rod» tem a seu cargo prender toda e qualquer pessoa que desrespeite a dignidade do Parlamento inglês.

Há, porém, um século, que Black Rod não é obrigado a cumprir os seus mandatos policiais.

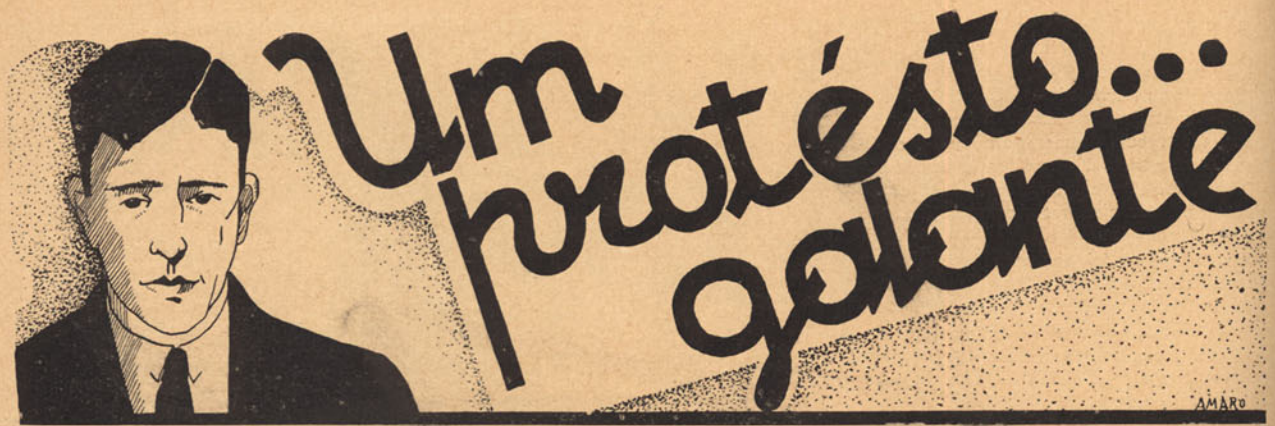
Há cem anos que não se prende ninguém!

Feliz terra essa onde o orador por excelência não pode fazer discursos, e onde a vara da justiça está erguida um século sem cair sobre os ombros dum insolente...

(Desenhos de Tagarro)

C. M.





Joaquim Pimenta era um assíduo *habitué* das salas e das reuniões familiares.

As senhoras, novas e velhas, consideravam-o o seu ídolo, e tão querido era, que não se pensava em realizar uma *soirée*, um passeio ao campo, qualquer coisa por mais simples e trivial que fôsse, que o Joaquim não fôsse ouvido.

Nas próprias *toilettes*, na escolha do figurino, no feitio dos chapéus, na cor dos sapatinhos, a sua opinião era como uma escritura, e fácil era ouvir correr, como um dogma, de boca em boca: — «O Joaquim ontem disse» — «O Joaquim ainda hoje repetiu...» — e ninguém pensava em contradizer a sua tão douta opinião.

Não vá, porém, supor-se, que êle era algum desses «dandys» adamados, muito branquinho, de olhos em extasi, perfumado, pintado, usando pulseira, monóculo e lenço minúsculo arrendado. Nada disso.

Joaquim era um boêmio que, apenas, sabia levar a água ao seu moinho. Em presença das damas aparentava uma tal delicadeza de maneiras, uma tão rara ingenuidade; sabia, tão habilmente, captar as simpatias que, não havia menina, mamã, tia, que o não considerassem um câosinho de regaço... um lúlu. Daí provinha a franca intimidade que êle gozava nesse ambiente de frescura e mocidade feminina.

Depois, Joaquim, era dotado para as senhoras duma graça extraordinária. Tôdas se acotovavam e se aconchegavam a êle para melhor poderem ouvir os seus ditos pitorescos. E riam, riam... até chorar.

Nesse encantador grupo, que parecia um bando de colegiais, uma havia que gozava entre elas da primazia de autoridade: era a D. Alzira da Conceição e Silva, senhora dos seus trinta anos, solteira também, muito roliça, de pele da cor do jaspe, de olhos azulados e dumi leve assombriado de buço, que dava ao seu rosto o *signe* duma atraente graciosidade.

Para ela uma mulher... era um homem, autêntico, perfeito, isto é: deveres iguais, iguais direitos.

A mulher, dizia ela, não é mais nem menos do que o homem, e se alguma diferença há no seu valor social, essa diferença está incontestavelmente a favor da mulher que possui a sobrepujá-la o *charmé*, a beleza do seu ser.

Essa coisa a que se chama a força máscula, é uma *blague*. Essa espécie de acanhamento, produto duma educação infantil a atrofiar na mulher a sua liberdade, era dantes.

A mulher de hoje está perfeitamente integrada na sua força, na sua energia, na sua inteira e completa emancipação. E assim, a D. Alzira, com as suas atitudes masculinas, com a sua enérgica altivez, alcançara sobre as outras a autoridade de dirigente. Era como a força espiritual que impulsava as suas companheiras para uma cega obediência.

Desconhecia o amor. As travessuras do Cupido faziam-na rir, e tanto, que o endiabrado Cupido se considerava pequeno e fraco junto dela e fugia espavorido por montes e vales à procura de melhor e mais carinhoso abrigo.

Joaquim, é claro, não estava só! Nessas reuniões havia outros rapazes, mas o amor é que sempre andava arredio daquelas paragens. E se Joaquim obtivera a escolha de favorito era, muito especialmente, pelo seu *savoir-vivre* naquele meio um pouco aromatizado a alfazema e rosmarinho.

Um dia Joaquim, ao entrar numa dessas reuniões em casa da D. Alzira, sentiu um calafrio!

Alzira, vermelha como uma romã, vociferava entre as companheiras.

O que seria? O que se passaria? — perguntava Joaquim a si próprio. Mas, apenas, palavras soltas, que não formavam o menor sentido, lhe chegavam aos ouvidos. Nem nele reparavam.

Resolveu esperar e sentou-se a um canto da sala.

Passados, porém, uns rápidos momentos daquele enorme torvelinho, foi notada a presença de Joaquim, que se conservava muito encolhido no seu lugar de observação.

Tudo, então, de repente serenou, e a D. Alzira tomando a atitude de quem vai preferir um notável discurso filosófico, diz, para Joaquim, num tom senhorial:

— Joaquim! Realizamos esta noite a nossa primeira assembleia no Grémio que organizámos no 2.º andar do número 33 da rua dos Algibebes. Nesse Grémio só têm entrada as mulheres. As calças foram abolidas: tudo saias. Mas abrimos, porém, uma excepção para contigo. Resolvemos nomear-te cónfimo do nosso Grémio.

Joaquim levanta-se reverente, e curvado agradece.

— Sim. Nomeamos-te porque tu, para nós, não és um homem.

— Obrigado, senhora! — respondeu Joaquim comovido.

— És a alavanca, a doce inspiração das nossas almas, que, tão carinhosamente, tens sabido agazalhar. Aceitas a nossa nomeação?

— Oh! Tão grande honra D. Alzira. — respondeu Joaquim sem deixar perceber a sua extraordinária admiração.

— E sabes, Joaquim, quais são os deveres do importante cargo que te confiamos?

— Perfeitamente, senhora minha.

— Está bem. A assembleia reúne às 21 horas em ponto. Podes retirar-te. Disse.

Tôdas, então, rodearam Joaquim, que quasi não podia respirar. Sentia na garganta, como se costuma dizer, o talo das grandes comoções. Olhava-as como se tivesse perdido o uso da razão. Não as ouvia, nem articulava uma só palavra. No seu rosto percebia-se um violento choque de contrações.

— Que tens? — perguntava uma.

— Porque nos olhas assim tão espantado? — perguntava outra.

— Tu que costumes por tudo ter um dito gracioso, um dito de espírito, calas-te? — dizia outra mais afastada.

— Ele o que está é, talvez, a reprimir uma gargalhada! — ainda aventava outra...

Mas não havia tempo a perder. Foi, pois, dada por finda aquela reunião preliminar. Tôdas, com azafama, foram cuidar dos trabalhos que lhes haviam sido distribuídos, e



ção de duas côrtes europeias proibindo às damas dessas côrtes o uso do decôte e da saia acima do tornozelo.

— Oh! — exclama Joaquim um tanto apavorado.

— Sabeis, senhoras, que tal determinação, ainda que transmitida pelo caminho da fina diplomacia, vem, como o vitriolo, queimarnos o rosto e, muito especialmente, amesquinhar e reduzir os nossos atractivos de incontestável e inconfundível beleza, atractivos que nos colocam no pedestal de honra, que nos pertence, que nos compete, e que, em todô o Universo, subjagam e obrigam a ajoelhar, como nosso humilde vassalo, êsse miserável ente a que se chama... o homem! Sim, senhoras e minhas consócias! Não nos iludamos! O fulcro da nossa força está precisamente no que há de belo e sublime na estética admirável dos nossos corpos.

— Apoiado! — diz o continuo com alvoroço.

— Obrigada, Joaquim! — responde a presidência.

E, dizendo isto, Alzira, leve como uma pena, sobe à cadeira presidencial e levantando levemente a saia pelos lados, numa posição de dançarina, exclama num entusiasmo crescente:

— Notai, senhoras! Notai!... Se acaso vendarmos aos olhares indiscretos a nossa liga, a nossa púdica liga de sêda num recorte esmaltado de bicos de renda, onde e como poderá julgar-se ferido êsse pudor tão apregoadado, e se há força alguma capaz de impedir a nossa marcha majestosa por essas estradas floridas que o Amor adorna e os anjos acalentam com cantos de sereia?

— Apoiadíssimo! — diz Joaquim escarlate entre as senhoras da primeira fila.

— Sim, disse? Quem se oporá? — pergunta Alzira. — Ninguém!... Ninguém! Ora af está. É esta força que êles temem, e nem sequer se atrevem a negá-la. Quereis ver, illustre assembleia? Vem cá, Joaquim! Aqui, aqui mais perto. Aqui ao pé de mim.

Joaquim, como um êbrio, aproxima-se cambaleando.

— Aqui tens a minha mão — diz-lhe Alzira. Podes esfaccê-la.

— Eu, senhora?! Oh! Se me permitis beijá-la-ei. E ajoelhou beijando a mão de Alzira.

Ela, num sorrir soberbo de triunfo, olha a assembleia e diz com desdem e orgulho:

— Vêde, minhas boas amigas! Como é fraca e insignificante a força do homem! Como um simples gesto nosso o subjuga e avassala! Parece um carneirinho!

Joaquim ao ouvir a frase levanta-se atônito, perplexo, enquanto que pela sala ressoa uma estrondosa salva de palmas.

Mas, era tempo. Alzira estava extenuada e possuída dum forte nervosismo. Tôdas assim

o compreenderam, e pressurosas foram felicitá-la pela sua exuberante eloquência, beijá-la com exagerada ternura e retiraram, quasi em bicos de pés, em testemunho de respeito e devoção.

Alzira igualmente se retirou para o gabinete da direcção num saltitar subtil e delicado, gabinete de fina elegância e conforto, e que ela preparara também por suas mãos.

Joaquim, pois, achou-se de repente só, completamente só! Fechou as portas. Não sabia bem o que fazer. Queria formular um simples raciocínio, mas o seu estado febril, o latejar das suas fontes, as pulsações desordenadas do seu coração, coisa alguma lhe permitiam.

De súbito, tomado duma excitação nervosa, impressionante, dominadora, correu ao gabinete onde estava Alzira.

Olhando-a, nunca os seus olhos a tinham visto assim: tão bela! tão linda!

Dum salto brusco, irreflectido, agarrou-a pela cintura e perturbado, cego, beijou-a sôfregamente.

Ela, ainda trémula e impulsionada por um sentimento igual, dizia, baixo, muito baixinho:

— Então... Joaquim! Está quieto... Joaquim!

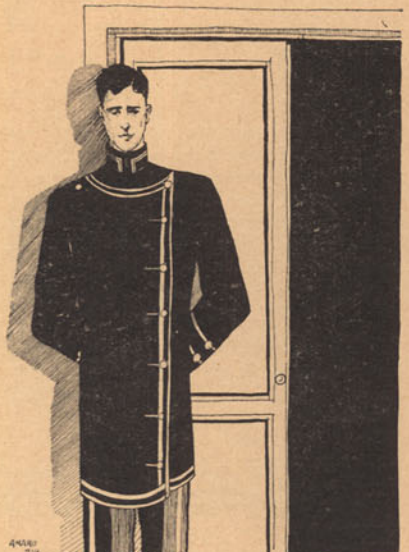
E êle, numa loucura, colando os seus aos lábios dela respondia, também baixo, muito baixo:

— Não, Alzirinha! Não, meu amor! Carneirinho é muito! É de mais!

E ficaram juntos para prosperidade do Grémio, até que as avesinhas no seu suave chilrear saídaram alegremente os primeiros alvôres duma linda madrugada!

JORGE NORONHA DE OLIVEIRA.  
(Ilustre Consul de Portugal  
em Sevilha)

(Desenhos de Amaro)



Joaquim inventando uma ligeira indisposição, safu também, fazendo ardentês protestos de não faltar à assembleia e ir fardado.

D. Alzira, então, risonha e no cumprimento dos seus deveres de Superiora, fêz as suas últimas recomendações, deu os seus últimos conselhos e recolheu orgulhosa, a rever-se na sua obra, ao seu pequenino e delicioso *boudoir*.

E que vivo contraste! Alzira entre as companheiras e sósinha no seu encantado *boudoir*, era como a lagarta e a borboleta, e, contudo, uma é irmã da outra.

Naquele pequenino gabinete perfumado e onde as côres claras dos móveis se casavam, tão intimamente, com o purpureo das rosas; onde se calava naquela atmosfera morna a dôce e suave inspiração do sonho; entre aquele conjunto de graça e de gôzo espiritual, Alzira, sim, era bem... uma mulher.

Mas o tempo, veloz como um desejo de fada, marcava as 21 horas, e conforme o combinado, achava-se reünida a anunciada assembleia dumas cinqüenta senhoras sob a presidência de Alzira, e na porta fronteira, Joaquim, de pé, devidamente fardado e agalado a amarelo e verde, fato que conseguira arranjar no guarda-roupa dum teatro.

Tôdas as senhoras se achavam bastante decotadas e com vestidos garridos.

Cumpridas que foram as formalidades do estilo, Alzira, um pouco pálida e trémula, levantou-se e com a sobrançeria que o caso requeria pelo seu elevado cargo, pronunciou o seguinte discurso, no meio do mais sepulcral silêncio e ante aqueles rostos ávidos de poderem ouvir a sua palavra fluente:

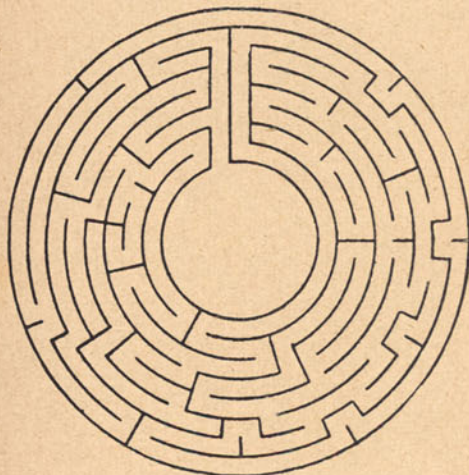
— Ilustre assembleia! Minhas estimadas consócias! Sabeis tôdas o motivo primordial porque nos achamos aqui reünidas. Êsse motivo é como um protesto, um grito das nossas almas feridas pela insólita determina-

400/77



# Passatempo

## LABIRINTO



Esta é a planta do célebre labirinto do *Palácio de Cristal* em Londres, que os forasteiros não deixam de percorrer, quando visitam aquela cidade. Ninguém se pode aventurar a percorrê-lo sem guia.

■ ■

Era um domingo, nos arredores da cidade, e chovia torrencialmente. A igreja, habitualmente pouco concorrida, transbordava de gente. A maior parte dos passeiantes, surpreendidos pelo temporal, tinham vindo aí refugiar-se.

O padre parou de repente no meio do sermão que estava pregando, e em tom meio cômico e meio sério, disse:

— Há muitas pessoas a quem se deve censurar por fazerem da religião uma capa, mas eu não formo melhor opinião daquelas que fazem dela um guarda-chuva.

■ ■

— Oiça lá — perguntou a senhora de idade e nervosa, ao farmacêutico — tem a certeza de ter preparado esse remédio como devia ser?

— Não, minha senhora, — respondeu o consciencioso farmacêutico — tanto não posso afirmar; mas asseguro-lhe que o preparei conforme o médico ordenou.

■ ■

Entre as recomendações que uma senhora fizera à sua nova criada, vinda da província, havia a de lhe trazer ao quarto todas as noites, às 11 horas, um copo de leite.

Na primeira noite a criada trouxe o copo muito agarrado na mão.

— Não torne a fazer assim, Brígida, que não é bonito — ordenou a patrão. — Traga-o sempre numa bandeja.

Na noite seguinte, a Brígida aparece no

quarto, muito atrapalhada, trazendo na mão uma bandeja, cheia de leite.

— Desculpe, minha senhora — diz ela — mas deseja uma colher ou bebe-o assim mesmo, lambendo?

■ ■

O Soares ia a explodir de cólera quando um seu vizinho o encontrou na rua.

— Aquele patife do Neves — exclamou ele — é o ente mais descarado que tenho conhecido.

— Então, o que foi? — perguntou o vizinho com curiosidade.

— Veiu a minha casa a noite passada e pediu-me emprestada a espingarda para matar um cão que, dizia ele, o não deixava dormir de noite.

— Mas o que tem isso?

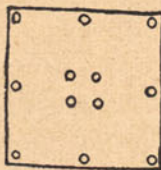
— O que tem?!... — berrou o Soares — foi o meu cão que ele matou!

■ ■

## OS DOZE TENTOS

(Problema)

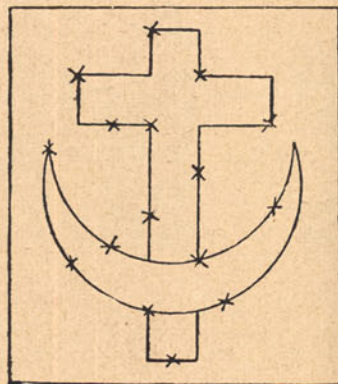
Neste simples problema, quere-se apenas dividir o quadrado que a figura representa



em quatro partes, tôdas de igual forma, e cada uma dessas quatro partes deverá contar três tentos. Como resolvem isto?

## PROBLEMA DE DESENHO

(Solução)



■ ■

A mãe: — Dei a cada um de vocês uma laranja. Tu, Carlos, disseste que não comias a tua senão no fim do jantar, e tu, João, disseste a mesma coisa. Afinal, enganaram-me.

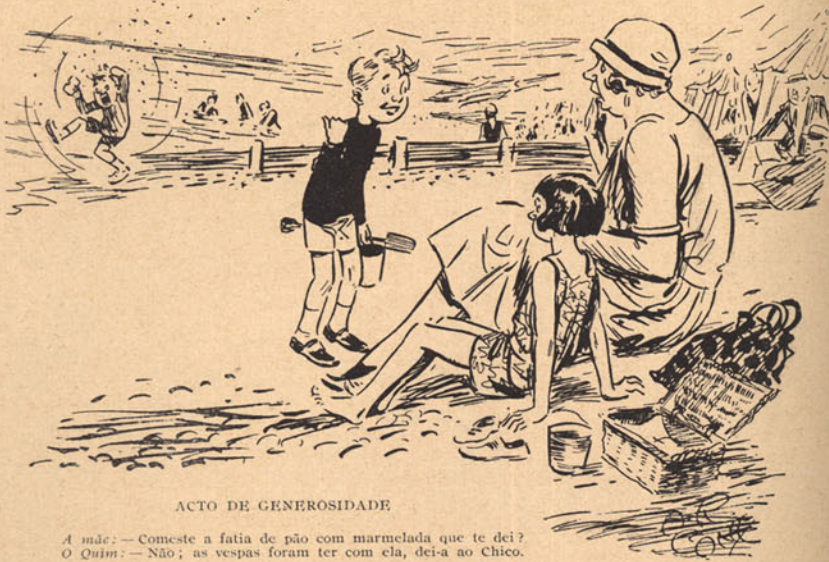
O Carlos: — Não, mãesinha; não comemos as nossas laranjas. Eu comi a do João e ele comeu a minha.

■ ■

## PONTO DE VISTA FEMININO

Durante a representação de uma peça teatral, uma senhora estava incomodando seriamente os espectadores que lhe ficavam próximo, por estar falando bastante alto. Um, que se encontrava a seu lado, tendo-lhe pedido delicadamente para moderar um pouco a voz, ela respondeu:

— Mas porquê? Eu já vi esta peça meia dúzia de vezes.



## ACTO DE GENEROSIDADE

A mãe: — Comeste a fatia de pão com marmelada que te dei?  
O Chico: — Não; as vespas foram ter com ela, dei-a ao Chico.



---

---

# BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Única colecção do género existente em língua portuguesa, e tão proficientemente organizada como as melhores que existem no estrangeiro, ela abrange tôdas as artes e officios. O seu último volume posto à venda é o intitulado

## **ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE**

de que é autor o ilustre prof. e pintor J. RIBEIRO CRISTINO  
DA SILVA

Um volume de 710 páginas, com 641 gravuras,  
encadernado em percalina, 40\$00

A SAIR, DENTRO DE POUCAS SEMANAS:

## **MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS**

Nova edição, muito melhorada e com mais gravuras do que a 1.ª,  
cuja larga tiragem se exgotou em pouco tempo

A SEGUIR, ANTES DO COMEÇO DO ANO ESCOLAR:

## **FÍSICA ELEMENTAR**

pelo cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo o programa  
das Escolas Industriais

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
Rua Garrett, 73 e 75 = LISBOA

---

---



Se V. Ex.<sup>a</sup> visitas-  
se as garages de  
Tokio, da Cidade  
do Cabo ou de  
Oslo,

**TABELA  
DE  
RECOMENDAÇÕES  
(PARCIAL)**

As indicações seguintes referem-se a  
carros de passageiros.

MARCAS	1929
	Motor
A. C.	BB
Alfa-Romeo	BB
Amicar (6 cil.)	BB
(outros mod.)	A
Auburn (8 cil.)	BB
(outros mod.)	A
Buick	BB
Cadillac	BB
Chevrolet	A
Chrysler (Imperial)	BB
(outros mod.)	A
Citroën (C 4 e C 6)	BB
De Soto	A
Dodge Brothers	A
Erskine	A
Essex	B
Fiat (todos os mod.)	B
Ford (mod. A)	BB
Graham Paige	A
Hudson	BB
Hupmobile	BB
La Salle	BB
Lincoln	BB
Magnon	A
Morris (six)	A
(minor)	BB
Morris-Cowley	A
Morris-Oxford (11 e 14 H P)	BB
(outros mod.)	A
Nash (Advanced 6 e Special 6)	BB
(outros mod.)	A
Oakland	A
Peckard	A
Reo	A
Rolls Royce	TT
Studebaker	BB
Stutz	BB
Whippet	A

Esta tabela de Recomendações foi  
compilada pelos engenheiros da Secção  
de Automoveis da Vacuum Oil Company  
e representa o nosso conselho profissio-  
nal sobre lubrificação de Automoveis.

**Transmissão e Diferencial**

Para a sua lubrificação perfeita use  
Gargoyle Mobiloil C. CC. ou Mobil-  
grease conforme as indicações contidas  
na Tabela completa.

toparia com muitos placards indicando a venda  
dos oleos GARGOYLE MOBILOIL.

Só dois ou tres outros produtos se acham  
igualmente espalhados pelo mundo como o  
GARGOYLE MOBILOIL. V. Ex.<sup>a</sup> pode até  
obter estes oleos nas cidades dispersas pelo  
Deserto do Sahara.

Os engenheiros da VACUUM OIL  
COMPANY são tão conhecidos nas fábricas  
de automoveis da America como nas da  
Europa e as suas recomendações conside-  
ram-se como leis indiscutíveis em materia de  
lubrificação.

É devido à sua qualidade que o GAR-  
GOYLE MOBILOIL lubrifica 7 carros em  
cada 10 carros que ha para lubrificar.

92% dos Fabricantes americanos aprovam



**Mobiloil**

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

**MOBILOIL**  
VACUUM OIL COMPANY